

A INFIDELIDADE DOS JUDEUS: JOÃO 12,37-43 E SUA RELEITURA DE ISAÍAS 53,1 E 6,9-10

Waldecir Gonzaga, Doutor em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Gregoriana (Roma, Itália) e Pós-Doutorado pela FAJE (Belo Horizonte, Brasil). Diretor e Professor de Teologia Bíblica do Departamento de Teologia da PUC-Rio. Criador e líder do Grupo de Estudos Análise Retórica Bíblica Semítica, credenciado junto ao CNPq.*

Paulo Cesar Machado Faillace, Mestrando em Teologia Bíblica junto à mesma Universidade. Bacharel em Teologia pela Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro. Membro do Grupo de Pesquisa de Análise Retórica Bíblica Semítica, constante no Diretório do CNPq.*

RESUMO

Nas inúmeras intervenções realizadas ao longo da história do povo israelita, Deus se autorrevela como aquele que liberta e salva. Seu braço forte se manifesta na libertação da escravidão do Egito e em tantos e grandiosos outros eventos salvíficos. Contudo, a fé do povo nunca se mostrou robusta e inabalável. A pertinaz incredulidade deste povo prolonga-se ainda no tempo de Jesus Cristo. Mesmo tendo visto uma multiplicidade de seus sinais, a dureza de seus corações persistia e não acreditava nele como o Cristo, o Messias que cumpria as Escrituras. Segundo a perspectiva da perícopos Jo 12,37-43, este artigo tem por objetivo mostrar que a citação das duas passagens do profeta Isaías atesta e reforça a antiga e obstinada situação de incredulidade do povo israelita frente às ações salvíficas de Deus e que, ao citá-las, o evangelista resgata a continuidade da dureza de seus corações, que os impede de ver em Jesus o Cristo, o enviado do Pai. Alguns passos do método histórico-crítico serão adotados, como a tradução segmentada e a estrutura da perícopos. Uma comparação entre as citações nos idiomas em que foram escritas e um breve confronto entre sinais (João) e parábolas (Sinóticos) serão apresentados. Uma síntese do inter-relacionamento destas citações com a perícopos Jo 12,37-43 leva a uma leitura em chave messiânica e ao reconhecimento de Jesus Cristo como o Filho, predito pelos profetas e o Messias enviado pelo Pai para a salvação da humanidade.

Palavras-chave: João. Incredulidade. Judeus. Isaías. Uso do AT no NT. Glória.

ABSTRACT

On the countless interventions throughout the History of the Israeli people, God reveals himself as the One who frees and saves. He showed his mighty arm when he set his people free from the bondage in Egypt and in so many and so great other wonders. However, the people's faith was never solid nor unshakable. The people's stubborn unbelief extends itself yet to Jesus' time. Even after seeing a great number of his signs, the obduracy of their hearts persisted and they did not believe in Him as the Christ, the Messiah who fulfilled the Scriptures. According to Jo 12,37-43, this article aims to present quotes from prophet Isaiah's two passages that attests and reinforces the old and obstinate unbelief

* E-mail: waldecir@hotmail.com

* E-mail: pcfaillace@gmail.com

of the people who had witnessed God's acts of salvation. As such, the evangelist confirms the continuous toughness of their hearts, which prevents them from seeing Jesus as the Christ, the One sent by God. In this approach, some steps of the historical-critical method will be adopted, such as the segmentation and the passage structure. A comparison between the languages in which each text was written and a brief relation between signals (John) and parables (Synoptic) will be presented. A synthesis of those two quotations and of the passage by Jo 12,37-43, will lead the readers to understand the passage under a messianic viewpoint so they are able to recognise Jesus Christ as the Son of God, foretold by the prophets and the Messiah sent by the Father, for the salvation of mankind.

Keywords: John. Unbelief. Jewish. Isaiah. Use of the AT in the NT. Glory.

Introdução

Desde sua eleição, o próprio Deus já reconhecia que Israel era “עַם־קָשָׁה־הַעֲרָף הוּא”/um povo de dura cerviz”.¹ Ao longo de toda a pedagogia de sua autorrevelação, YHWH realiza suas ações por meio de intervenções salvíficas no curso da história deste povo. Iniciando no Êxodo, com o “ciclo de Moisés”, Ele se revela um Deus que liberta o povo da opressão da escravidão e, marchando à sua frente (Dt 9,3), leva-o a conquistar a terra prometida aos Patriarcas.

O cuidado e o interesse com as corretas percepção e compreensão das realizações de Deus para com seu povo se mostraram uma preocupação constante ao longo da História da Salvação, como as citadas em Jo 12,37-43, a partir da alusão ao texto de Dt 29,2-3², fazendo, desta forma, uma releitura intertextual dos feitos do Senhor no AT (MALZONI, 2018, p. 226-227; MAZZAROLO, 2000, p. 153; ZEVINI, 1996, p. 66); bem como das citações de Is 53,1 e 6,9-10 (ORLANDO, 2022, p. 197; SIMOENS, 2002, p. 509). Por outro lado, inúmeras são as situações e as ocasiões em que o povo rejeita e se afasta daquele que o escolheu e a ele se afeiçoou (Dt 7,7). Particularmente durante o período da Monarquia, os reis israelitas abandonam YHWH e tomam exclusivamente a si as decisões sobre a condução do povo. Contudo, Deus é fiel e não abandona a Aliança que fez com Israel e, por isso, elege alguns dentre o povo, prepara-os e dirige-lhes sua palavra, visando alertá-lo e reconduzi-lo a seu caminho – os profetas, que alertam sobre o Messias e a *Shekinah* divina na vida do povo (CASTRO SÁNCHEZ, 2008, p. 233). Dentre estes, Isaías desponta como um profeta cuja mensagem pode ter sofrido algum desvio na sua interpretação. Segundo Sicre Díaz (2016, p. 2001)

[...] se existe algo evidente é que Isaías pretendeu converter seus contemporâneos. Suas denúncias sociais, sua crítica às autoridades e juízes, procuram uma mudança de conduta: ‘Deixai de praticar o mal, aprendei a fazer o bem’ (1,16-17). [...] Dizer que Isaías não procurou converter seus contemporâneos parece totalmente contrário aos textos e à mentalidade do profeta.

Tendo recebido o chamado divino, Isaías conclama o povo à conversão, transmitindo-lhe as palavras que ouvira de YHWH, pois o povo e a classe governante haviam se afastado de seus caminhos e confiado em seus próprios

1 “Este é um povo de cerviz dura”, ou, em seu sentido mais próprio, um povo teimoso e obstinado (Ex 32,9; 33,3; Dt 9,6).

2 O início do terceiro discurso de Moisés, ao final do livro do Deuteronômio, ressalta esta preocupação. Em seu discurso, na verdade “palavras da Aliança que Yahweh mandara Moisés concluir com os israelitas na terra de Moab”, Moisés emprega expressões que ecoarão em vários outros momentos: “[...] as grandes provas que vossos olhos viram, aqueles sinais e prodígios grandiosos” (Dt 29,1-3).

juulgamentos. Ao apontar estes desvíos, o profeta traz à tona, igualmente, uma política opressora não condizente com a vontade de Deus. As denúncias voltadas às questões sociais, à postura política dos governantes e à justificação de um inevitável castigo, não parecem ter sido estas o cerne de sua mensagem (ALONSO SCHÖKEL, 1988, p. 103-104), mas certamente a volta e a conversão do povo a YHWH.

No pós-exílio, contudo, a profecia vai caindo em descrédito e a esperança messiânica de um rei davídico³ e a expectativa de um retorno, não só da profecia (Jl 3,1-2), mas também de um grande profeta, vão ressurgindo (LIMA, 2012, p. 24). Esta situação de espera se prolonga e se acentua até o período da dominação romana na Palestina, entre o século I a.C. e o século II d.C.

No contexto deste inextricável painel de ideias sobre um messias e um grande profeta vindouros, que permeavam o imaginário do povo israelita, nasce Jesus Cristo: o Messias e o Profeta, por excelência. Contudo, após o Prólogo, o desenvolvimento do IV Evangelho apresenta a reação do povo a Jesus de certo modo ambígua e reticente, ainda que sempre impactado pela sua presença. Tal comportamento pode ter-se baseado não só em relação às palavras, à maneira como Jesus pregava e debatia com seus interlocutores, aos recursos de oratória empregados pelo evangelista, como a ironia, as palavras de duplo significado, os mal-entendidos⁴, mas também em relação às suas ações: os sinais que ele realizava, ligados às expectativas messiânicas.

Elementos centrais na primeira grande parte do IV Evangelho, os sinais⁵ não são inequívocos, já que dependem da atitude de quem os vê, e, apesar de receberem um reconhecimento inicial propício, percebe-se ainda assim um quê de indecisão por parte de quem os acolhe. Além disso, “correm sempre o risco de ser deturpados: reduzidos a simples prodígios (4,48), chamam a atenção pelo aspecto maravilhoso ou insólito e não atingem o objetivo” (BLANCHARD, 2004, p. 54). Os sinais não apenas manifestam a glória de Deus realizada em Jesus, mas, colocando-os sob uma perspectiva humana, manifestam o coração do homem, quando, ao presenciá-los, toma uma decisão (FABRIS; MAGGIONI; 1992, p. 406).

Desde o primeiro sinal em Caná da Galileia (Jo 2,1-12), até a ressurreição de Lázaro (Jo 11), sinal grandioso antes da última entrada em Jerusalém, o autor do IV Evangelho aponta a ambiguidade de atitude do povo:

3 Havia várias correntes de pensamento sobre a esperança messiânica e sobre o tipo de rei davídico que viria, na mentalidade do povo, conforme atestam vários textos apócrifos dos dois últimos séculos do primeiro milênio a.C., como os Salmos de Salomão, o Livro de Enoc, os manuscritos do Mar Morto, os escritos de Flávio Josefo, dentre outros. Embora referências com respeito ao messianismo possam ser encontradas no AT, o termo ganha importância na literatura apócrifa judaica entre os sécs. I a.C. e I d.C., em particular um messianismo davídico, de linha real (UTRINI, H. C. S. Entre o gládio de César e a Cruz de Cristo: messianismo e poder temporal a partir de SIsal 17 e de Mc 12,13-17, p. 523-524).

4 O “mal-entendido” é uma técnica empregada por quem fala no sentido de levar o ouvinte a uma “deliberada compreensão errônea do que Jesus diz por parte de seus oponentes no discurso” (PERKINS, P.; Evangelho segundo João. In: BROWN, R.; FIZTMYER, J. A.; MURPHY, R. (orgs.), Novo comentário bíblico São Jerônimo. Novo Testamento e Artigos Sistemáticos, p. 741). Para transmissão de sua mensagem sobre realidades de difícil compreensão para os homens, Jesus se utiliza de recursos próprios da linguagem humana, como metáforas e comparações, além do uso de parábolas e ditos. Os homens não alcançam a plenitude da mensagem, ficando apenas no seu sentido concreto e material (BROWN, R. E., Introdução ao Novo Testamento, p. 460; a posição dos discípulos em Jo 16,29-30). Ver também em MARGUERAT, D., Novo Testamento, p. 451; BORING, M. E., Introdução ao Novo Testamento, p. 1189-1190.

5 Apesar de “sinal” ser uma palavra característica do IV Evangelho, este termo não é estranho à Escritura. No AT, *סֵמֶל* / *סֵמָל* – *sinal/sinais* podem ser encontrados em várias passagens, como em Ex 10,1-2; Nm 14,11; Dt 4,34; 6,22, entre outras (KÖSTENBERGER, A. J. João. In: BEALE, G. K.; CARSON, D. A. Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento, p. 597).

presenciar (ver e ouvir) os prodígios de Deus *versus* a dureza e obstinação de seus corações, obstinação esta antiga na caminhada do povo de Deus (BLANK, 1991, p. 336), haja vista a longa história de denúncia dos profetas de Israel. João realiza uma seleção cuidadosa de sete sinais, também chamada de “série de *semeia*” (DODD, 2003, p. 490), calculadamente dispostos, com o objetivo de confirmar na fé seus leitores-ouvintes. A perícopes Jo 12,37-43 resgata este ponto e funciona como um balanço, uma prestação de contas dos sinais realizados e o quanto eles foram persuasivos o suficiente para despertar a fé naquele que os realizava, pois, enviado por YHWH, era em seu nome e pela força de seu braço que os realizava (BLANK, 1991, p. 337). Assim, como aquele povo iria reagir aos acontecimentos, à figura, às pregações e aos sinais de Jesus de Nazaré: “de Nazaré pode vir algo de bom (Jo 1,46)”?. Poderia algo ter mudado na mentalidade do povo israelita – de cerviz dura – para uma aceitação de certo tipo de messias, trazendo sua mensagem de salvação? O que estaria escondido para ser revelado e que ainda não estava claro para o povo?

Segmentação e tradução de Jo 12,37-43

A segmentação e tradução da perícopes de Jo 12,37-43 se dá a partir do texto grego de Nestlé-Aland 28ª edição (NA²⁸)⁶. Em seguida, são apresentadas algumas notas à tradução e de crítica textual. Visto isso, para confronto e conferência, são oferecidos os textos de Is 53,1 e 6,9-10, em hebraico (BHS)⁷ e em grego (LXX)⁸, que o autor do IV Evangelho cita nos vv.38cd.40, a partir versão da LXX (BEUTLER, 2016, p. 315; SIMOENS, 2002, p. 510-515; CARSON, 2007, p. 448; ZEVINI, 1996, p. 65; SLOYAN, 2008, p. 198; ZUMSTEIN, 2008, p. 555; DODD, 2003, p. 490). A segmentação e a tradução da perícopes Jo 12,37-43 revelam a organização, a beleza e a unidade temática deste texto joanino. Todo o vocabulário empregado para sua construção evidencia o itinerário e a experiência do autor acerca do amor de Deus e seu valor na vida de todo aquele que decidiu seguir o Cristo. A citação profética de textos tanto do Trito como do Proto-Isaías expressa o valor da profecia para os tempos messiânicos da vida de Cristo, na plenitude dos tempos.

Τοσαῦτα ⁹ δὲ αὐτοῦ σημεῖα πεποιηκότος ἔμπροσθεν αὐτῶν	37a	E tantos de seus sinais, tendo realizado (Jesus) diante deles,
οὐκ ἐπίστευον ¹⁰ εἰς αὐτόν,	37b	não acreditavam nele,
ἵνα ὁ λόγος Ἰσαΐου τοῦ προφήτου πληρωθῆ	38a	para que a palavra do profeta Isaías se cumprisse
ὃν εἶπεν ¹¹ ,	38b	a qual disse:
Κύριε, τίς ἐπίστευσεν τῇ ἀκοῇ ἡμῶν;	38c	Senhor, quem acreditou no nosso anúncio?

6 NESTLE-ALAND (eds.), Novum Testamentum Graece. Ed. XXVIII (2012). O texto da NA²⁸ será seguido na sua totalidade. Serão apontados os itens de crítica mais relevantes. Apenas o v.40 será abordado com mais detalhes no corpo do texto, devido aos diversos elementos de crítica textual presentes.

7 ELLIGER, K.; RUDOLPH, W. (Eds.), Biblia Hebraica Stuttgartensia. 5. ed. (1997).

8 RAHLFS, A.; HANHART, R. (eds.), Septuaginta. Editio Altera (2006).

9 O ϕ^{66*} traz “ταυτα/estas coisas”, o que não altera em nada o sentido do texto.

10 O ϕ⁶⁶, f¹³; *Eus* trazem a leitura ἐπιστευσαν, igualmente do “πιστεύω/crer”, porém, no aoristo, enquanto a o texto da NA²⁸ registra-o no imperfeito, ambos no indicativo ativo 3ª plural. O verbo no imperfeito retrata a situação de uma ação no passado que não é vista como concluída. Apesar de o sinal realizado por Jesus ter acontecido, evento passado concluído, e as pessoas presentes o terem visto, também situação concluída, o estado de incredulidade se prolonga e permanece com a pessoa, o que aponta para uma situação que não se conclui no passado. Neste sentido, o emprego do verbo no imperfeito ajusta-se melhor a este texto joanino, conforme atestado pela NA²⁸.

11 O ϕ⁷⁵ traz “ὃν εἶπεν/a qual diz”, em nada alterando o sentido.

καὶ ὁ βραχίων κυρίου τίνι ἀπεκαλύφθη;	38d	e o braço do Senhor, sobre quem foi manifestado?
διὰ τοῦτο οὐκ ἠδύναντο πιστεῦειν,	39a	por isso, não podiam acreditar,
ὅτι πάλιν ¹² εἶπεν Ἡσαΐας,	39b	porque também disse Isaías ,
Τετύφλωκεν αὐτῶν τοὺς ὀφθαλμοὺς ¹³	40a	cegou os olhos deles
καὶ ἐπώρωσεν αὐτῶν τὴν καρδίαν,	40b	e endureceu o coração deles,
ἵνα μὴ ἴδωσιν τοῖς ὀφθαλμοῖς	40c	para que não vejam com os olhos,
<i>καὶ νοήσωσιν¹⁴ τῇ καρδίᾳ</i>	40d	mas entendam com o coração
καὶ στραφῶσιν,	40e	e se convertam,
καὶ ἰάσομαι αὐτούς.	40f	e (eu) os curarei.
Ταῦτα εἶπεν Ἡσαΐας	41a	Estas coisas disse Isaías
ὅτι ¹⁵ εἶδεν τὴν δόξαν αὐτοῦ ¹⁶ ,	41b	porque viu a glória dele
καὶ ἐλάλησεν περὶ αὐτοῦ.	41c	e (por isso) falou a respeito dele.
ὅμως μέντοι καὶ ἐκ τῶν ἀρχόντων πολλοὶ ἐπιστευσαν εἰς αὐτόν,	42a	No entanto, certamente também dentre os líderes, muitos acreditaram nele,
ἀλλὰ διὰ τοὺς Φαρισαίους οὐχ ὡμολόγουν ¹⁷	42b	mas, por causa dos fariseus, não confessavam
ἵνα μὴ ἀποσυνάγωγοι γένωνται.	42c	para que não fossem expulsos da Sinagoga.
ἠγάπησαν γὰρ τὴν δόξαν τῶν ἀνθρώπων	43a	De fato, amaram a glória dos homens
μᾶλλον ἢπερ ¹⁸ τὴν δόξαν τοῦ θεοῦ.	43b	mais que a glória de Deus.

Notas à tradução

No v.37a, apesar de a palavra τσσαῦτα poder também significar “grandiosos”, opta-se por traduzir por “tantos”, mesmo considerando que o sinal mais próximo a esta palavra tenha sido a ressurreição de Lázaro, indicado como um sinal grandioso.

12 O códice D traz “καὶ γαρ/e, de fato”, em nada alterando o sentido.

13 O códice D traz “τοὺς ὀφθαλμοὺς/os olhos”, em nada alterando o sentido.

14 O ρ^{66*}, o manuscrito D e outros, ao invés a frase afirmativa “καὶ νοήσωσιν/mas entendam”, trazem a negativa “μὴ/não” entre os termos καὶ e νοήσωσιν, ficando “καὶ μὴ νοήσωσιν/mas não entendam”, o que alteraria o sentido, afirmando que não entenderiam, e não como está, na forma positiva, que entenderiam. Isso pode ser uma harmonização com o texto hebraico ou com variantes nos Sinóticos; portanto, não preferível como leitura.

15 Os manuscritos D K Γ Δ f³ 565. 700. 892. 1241. 1224 ℞ sy; Eus, ao invés da variante “ὅτι/porque/que”, trazem a leitura “ὅτε/quando”; e o manuscrito W traz a variantes “ἐπεὶ/depois de”; estes dois termos, conjunções temporais, encontram-se no mesmo campo semântico, em nada alterando o sentido. Além de o termo “ὅτι/porque/que”, escolhido pela NA²⁸, encontrar-se atestado por manuscritos de maior credibilidade já pelos critérios da crítica externa, por antiguidade e peso – ρ^{66.75} ⋈ A B L X Θ Ψ f¹ 33 al –, ele possui um sentido causal e confere mais força ao texto (LÉON-DUFOUR, X. Leitura do Evangelho segundo João II, p. 341; SCHNAKENBURG, R., El Evangelio según San Juan, p. 616).

16 Os manuscritos D Θ f³, ao invés de “αὐτοῦ/dele”, trazem τοῦ Θεοῦ, indicando a ter visto “a glória do Pai”.

17 O verbo ὁμολογέω pode ser traduzido para o português por verbos com sentidos dentro do mesmo campo semântico: concordar, admitir, declarar e confessar, dentre outros. O verbo “confessar” mostra-se mais aderente à teologia joanina de não apenas acreditar, mas sobre a necessidade de fazê-lo aberta e publicamente (LÉON-DUFOUR, X., Leitura do Evangelho segundo João II, p. 343; SCHNAKENBURG, R., El Evangelio según San Juan, p. 512). Ainda, em Rm 10,9-10, Paulo emprega este mesmo verbo igualmente neste sentido para “confessar Jesus Cristo”: “Os atos de confissão (‘confessares’) e de fé (‘creres’) originam-se do ‘coração’ e da ‘boca’, nos quais a palavra agora está presente (cf. 3,12-14; 15,5-6)” (SEIFRID, M. A. Romanos. In: BEALE, G. K., Comentário do Uso do Antigo Testamento no Novo Testamento, p. 822-823).

18 O ρ^{66*} e os manuscritos ⋈ L W f¹ 33. 565. 579, ao invés de ἢπερ, trazem a variante “ὑπέρ/sobre”, em nada alterando o sentido.

No v.38d, a LXX realizou uma rigorosa tradução sobre cada palavra em particular: “βραχίων/*braço*”, opção esta que se observa com frequência em seu texto. Escolheu-se manter a tradução da LXX (“brachium/*braço*”), também adotada pela Vulgata (WEBER; GRAYSON (eds.), 2007, p. 1683). Entretanto, o antropomorfismo – *braço* – utilizado no idioma hebraico e no contexto, em sentido metafórico, comporta o significado de força ou poder¹⁹. Esta opção é bem atestada em vários dicionários (ALONSO SCHÖKEL, 1997, verbete עָרַךְ ou עָרַךְ, p.198; BROWN; BRIGGS, 1939, verbete עָרַךְ ou עָרַךְ, p.283; HOLLADAY, 2010, verbete עָרַךְ ou עָרַךְ, p.129) e referenciada em outras passagens do AT (Ex 15,16; Dt 5,15), em particular quando se refere a YHWH. O pronome interrogativo τίς se encontra no dativo e tem tido a opção de tradução mais frequente por “a quem?”. No entanto, o hebraico registra a preposição “עַל/*sobre*”. Como o dativo comporta este sentido, optou-se por esta tradução. Entende-se também que a preposição “sobre” confere mais força ao texto, pois, além de “o braço do Senhor” ter-se revelado a Israel, manifestou-se *sobre* ele na realização de tantos e grandiosos feitos. A escolha por “manifestar”, ao invés de “revelar” (mais usual) – ambos se encontram no mesmo campo semântico, diferindo apenas em nuance –, tem objetivo idêntico. A opção da LXX em traduzir הִלָּא (no aspecto *nifal*) por ἀποκαλύπτω leva a esta escolha em português – *revelar* – devido ao título do último livro do NT: Ἀποκάλυψις.

No v.40d, utiliza-se o καὶ com valor adversativo (“mas”) e não de conjunção (“e”).

No v.41c, optou-se por acrescentar a expressão “por isso”, conferindo à partícula καὶ um valor consecutivo.

No v.41c, para a preposição περὶ, no genitivo, preferiu-se a expressão “a respeito de” à palavra “sobre”, por ajustar-se melhor ao idioma de chegada.

No v.42a, a expressão “ὅμως μέντοι/*no entanto, certamente*”, composta desta forma, ocorre somente nesta passagem neotestamentária, constituindo-se em um *hápax legomenon* em todo o NT.

No v.42a, A palavra “μέντοι/*certamente*” reforça o sentido adversativo de “ὅμως/*no entanto*”, dando ênfase ao prosseguimento da sentença, pois “corrige o aparente determinismo da segunda citação profética” (LÉON-DUFOUR, 1996 – vol.II, p. 343).

No v.42a, a opção pela tradução de “ἄρχων/*chefes*”, no genitivo plural no texto, recai sobre “líderes”. No caso da estrutura religiosa judaica do período, seriam as autoridades religiosas daquele tempo e poderiam indicar os chefes das sinagogas, altos sacerdotes ou mesmo membros do Sinédrio, aqueles que eram tidos como “notáveis” (ZUMSTEIN, 2008, p. 556) e/ou “magistrados” (MARTÍNEZ LOZANO, 2019, p. 311). A decisão por “líderes” tem a intenção de guardar mais fidelidade ao texto e não especificar ou restringir a função, mas deixar aberto para o campo de possibilidades.

No v.42c, a palavra ἀποσυνάγωγοι apresenta-se na forma de um adjetivo masculino plural. A opção em traduzir por “excomungados”, em função de referir-se à Sinagoga e, portanto, com sentido religioso, não parece apropriada por não ser o termo utilizado naquele período dentro deste contexto, configurando-se como um anacronismo e não refletindo corretamente a situação da época. A escolha em traduzir por “expulsos da sinagoga” mostra-se

¹⁹ Para abordagem inicial sobre os antropomorfismos bíblicos, BETTENCOURT, E., Para entender o Antigo Testamento, p. 61-69; em particular, sobre “braço”, p. 67; MALZONI, C. V., Evangelho Segundo João, p. 224; ZUMSTEIN, J., Il Vangelo secondo Giovanni, vol. 1: 1,1–12,50, p. 555.

mais adequada. Para toda a frase, optou-se por “para que não fossem expulsos da sinagoga”, embora uma oração reduzida de infinitivo adverbial final – “para não serem” – coubesse igualmente.

Nos segmentos do **v.43ab**, a tradução adotada reflete *pari passu* a do texto grego. Para o idioma de chegada, a construção se mostraria de uso mais corrente pelo deslocamento da palavra “μᾶλλον/*mais*” para a primeira parte da oração, que se configura assim como uma oração subordinada adverbial consecutiva.

No **v.43b**, a conjunção comparativa “ἢ/que” ou “do que”, seguida da partícula enclítica enfática πέρ, que indica uma ênfase no segundo termo da oração – “ἢπερ = ἢ + περ” –, composta desta forma, ocorre somente nesta passagem neotestamentária, constituindo-se em um outro *hápax legomenon* em todo o NT.

Notas de crítica textual

O **v.40** apresenta alguns elementos pertinentes de crítica textual, de modo singular em relação aos verbos, mas que não trazem problemas para a tradução do texto. Aliás, as formas flexionadas do verbo “πωρόω/*endurecer*” não diferem de modo a causar impacto significativo sequer para a hermenêutica, por apresentarem apenas nuances de sentido. O texto de NA²⁸ apresenta a forma verbal “ἐπώρωσεν/*endureceu*”, no aor. at. ind. 3ª pes. sing., e conta com o apoio de importantes manuscritos unciais, famílias, minúsculos, lecionários e Padres da Igreja – A B* L Θ Ψ f¹³ 33. l 844; Eus^{pt} –, tidos como de maior peso, antiguidade e grandeza para o IV Evangelho²⁰, o que por si só já facilita o julgamento favorável à manutenção dessa variante no texto, como sendo a mais próxima de um possível texto original, como fez o Comitê para o texto da NA²⁸. Os manuscritos B² Γ Δ f¹ 655. 700. 892. 1241. 1224 M; Eus^{pt} trazem a forma verbal “πεπωρωκεν/*endureceu*” – a qual encontra-se no perf. ind. at. 3ª pes. sing.; merecendo igualmente especial destaque, pois também tais manuscritos apresentam um peso singular, mas em nada alteraria o sentido temporal. As duas leituras possuem um sentido de tempo passado e em nada alteram a teologia do texto. Por sua vez, os manuscritos ς^{66,75} κ K W 579 sy^{hmg} trazem uma outra leitura, com a forma verbal “ἐπήρωσεν/*mutilou (endureceu)*”, a qual não se refere ao verbo “πωρόω/*endurecer*”, mas ao verbo “πηρόω/*mutilar*”. Este verbo, quando composto em uma expressão com a palavra “coração”, como no texto do v.40, “ἐπήρωσεν αὐτῶν τὴν καρδίαν/*mutilou (endureceu) o coração deles*”, assume o sentido de “não entender”, “ser incapaz de aprender” ou de “fechar a mente” (FRIBERG; MILLER, 2006, verbete πηρόω, s/p, versão digital). Esta leitura parece aproximar-se mais do sentido do texto hebraico presente no Texto Massorético (BHS); porém, João citou o AT a partir da versão grega da LXX e não do texto hebraico. Por isso, pode ser uma *leitura harmonizada* ou uma *tentativa de correção*, para facilitar a leitura em concordância com o texto hebraico, o que, por si só, cria problemas diante dos critérios da crítica interna, a qual sustenta que a *lectio difficilior preferenda est*, visto que as outras podem ser *harmonizadas* ou *explicativas* da variante, demonstrando terem sido retocadas e ou corrigidas, por influência

20 Tal julgamento se baseia nos dados informados na Introdução de NESTLE-ALAND (eds.), *Novum Testamentum Graece*. Ed. XXVIII (2012), segundo a Introdução, em seu tópico “Testemunhas citadas de forma consistente nos Evangelhos”, que traz os papiros, os unciais, os minúsculos, os lecionários e as famílias de minúsculos que são de maior relevância para os Evangelhos, devem ser “pesados” em seu valor e antiguidade, e não contados em sua somatória numérica. Ainda, leva em consideração a lista de manuscritos e os critérios apontados por ALAND, K.; ALAND, B., *O Texto do Novo Testamento*, p. 116-117, e por PAROSCHI, W., *Origem e transmissão do Texto do Novo Testamento*, p. 51-52, sobre o valor dos unciais para os textos do NT, como é o caso do IV Evangelho, especialmente quando de encontra com um Manuscrito como o Códice Vaticano (B), considerado de longe “o mais significativo dos unciais” e como sendo “aquele que tem o menor número de erros escribais”, sobretudo se este vem acompanhado dos códice Sinaítico (κ) e Alexandrino (A), entre os mais importantes e antigos orientais.

da interpretação e ou intenção do copista (GONZAGA, 2015, p. 221); no contexto, “endurecer” tem uma força muito maior que “mutilar” (SIMOENS, 2002, p. 514). Diante do peso dos manuscritos e tendo presente possíveis correções e ou harmonizações, opta-se por seguir a variante sustentada pelo Comitê da NA²⁸ como sendo o mais provável para o texto do NT.

Quanto ao verbo “στρέφω/*converter-se*” (sentido figurado), as formas verbais constantes no aparato crítico referem-se a seu composto ἐπί + στρέφω, do mesmo campo semântico, também com sentido figurado de *converter-se*. Os diferentes tempos verbais não apontam para uma mudança significativa de sentido e, portanto, não influenciam na questão teológica. A opção da NA²⁸ por “στραφῶσιν/*se convertam*”, no aor. subj. at., tem por base os manuscritos ρ^{66,75vid} κ A B L Θ Ψ 33. 579, que são, de longe, de maior peso em seu conjunto, sendo, portanto, a leitura mais confiável, mais próxima de um possível texto original (GONZAGA, 2015, p. 221). As variantes adotadas por outros manuscritos são: ἐπιστρεψῶσιν, por K L W Θ 1424; Eus; ἐπιστρεψούσιν, por f¹³; ἐπιστραφῶσιν, por A D² Γ Δ f¹ 565. 700. 892. 1241. l 844 ℞. Ao adotar a forma “στραφῶσιν/*convertam-se*”, o Comitê da NA²⁸ também se afasta da opção adotada pelo texto da LXX, que registra ἐπιστρεψῶσιν e não στραφῶσιν. Quanto à tradução, não há alteração. De fato, pode estar em jogo a intenção teológica do evangelista. De todas as maneiras, concorda-se com a opção adotada pela NA²⁸.

Com relação ao advérbio de negação “μὴ/não”, do segmento v.40d, constante nos manuscritos ρ^{66*} e D, dentre outros, o texto da NA²⁸ não o adota. O texto no idioma hebraico possui certa ambiguidade, que tanto a LXX quanto a Vulgata não esclareceram inequivocamente nas suas traduções. Seja a propagação do “-יָ/para que não”, no TM; seja a do “μέποτε/para que não”, na LXX; seja a do “ἵνα μὴ/para que não”, do texto grego do Evangelho de João; visto que a inexistência do advérbio de negação associado a cada forma verbal dá margem a algumas questões. A Vulgata registra o advérbio de negação “non/não” apenas no primeiro verbo²¹. Em função da falta do advérbio de negação, pode-se admitir que o último segmento seja afirmativo de fato afirmativo e não negativo, o que é próprio da literatura apocalíptica, segundo a qual Deus sempre agirá e o fim será positivo e não negativo.

O paralelo marcano (Mc 4,12) registra somente: “μέποτε ἐπιστρέψωσιν καὶ ἀφεθῆ ἀυτοῖς/para que não se convertam e (não) lhes seja perdoado”. Nesta perícopie de Marcos, o texto de Isaías, mais curto/abreviado (BEUTLER, 2016, p. 315), propicia um fundamento *ad intra* que poderia levar ao entendimento do sentido negativo ao verbo final devido à proximidade, propagando-se até o último verbo²², embora a negativa μέποτε apareça apenas no início da frase. No v.40d, contudo, a tradução do καὶ com valor adversativo, a inexistência de “μὲ/não” e a mudança da forma verbal em João podem indicar um sentido positivo para os segmentos v.40def, como adotado pela NA²⁸: (“καὶ νοήσωσιν τῇ καρδίᾳ καὶ στραφῶσιν, καὶ ἰάσονται αὐτούς/mas entendam com o coração e se convertam, e (eu) os curarei”). Na sequência de três verbos no subj. aor. 3^a pes. pl., após o “ἵνα μὴ/para que não”, o evangelista emprega o verbo “ἰάομαι/curar”, na 3^a pes. fut. ind. médio²³, se-

21 Vulgata: “ut non videant oculis et intellegant corde et convertantur et sanem eos/para que não vejam com os olhos e entendam com o coração e se convertam e os cure”. LXX: “μήποτε ἴδωσιν τοῖς ὀφθαλμοῖς καὶ τοῖς ὠσίν ἀκούσωσιν καὶ τῇ καρδίᾳ συνῶσιν καὶ ἐπιστρέψωσιν καὶ ἰάσονται αὐτούς/para que não vejam com os olhos e ouçam com os ouvidos e entendam com o coração e se convertam e os curarei”

22 Mateus faz uma citação mais próxima do texto de Isaías, seguindo a LXX, deixando indeterminado o sentido negativo. Lucas (Lc 8,10) emprega apenas “βλέποντες μὴ βλέπωσιν καὶ ἀκούοντες μὴ συνιῶσιν/vendo não vejam e ouvindo não entendam”, parecendo indicar o aspecto negativo. Quanto ao verbo final, Mateus e João empregam “ἰάομαι/curar”, Lucas não o cita e Marcos utiliza o verbo “ἀφίμυ/perdoar”.

23 Para discussão detalhada das formas verbais do v.40, ver GRASSO, S., *Il Vangelo di Giovanni*, p. 529-531 e WENGST, K.,

guindo a LXX. Ao resgatar o texto isaiano, seja do TM seja da LXX, João parece tê-lo usado com liberdade, tendo presente sua intenção teológica. Se em Is 6-9-10 há certa ambiguidade, para João, a conversão suscitada pelo entendimento com o coração – e não pela visão – dos sinais realizados pelo Deus revelado em Jesus Cristo, conduz à fé, e o leva a escrever, com uma finalidade salvífica, segundo o desejo do coração de Deus para o homem: “e eu os curarei” (Jo 12,40f).

Comentário às passagens de Isaías (Is 53,1; 6,9-10)

Is 53,1 (TM)	Is 53,1 (LXX)	Jo 12,37 (NA ²⁸)
מי האמין לשמענו	Κύριε, τίς ἐπίστευσεν τῇ ἀκοῇ ἡμῶν,	Κύριε, τίς ἐπίστευσεν τῇ ἀκοῇ ἡμῶν,
וְזָרַעַתְהוּ עַל-מִי נִגְלַתְהָ:	καὶ ὁ βραχίον κυρίου τίνι ἀπεκαλύφθη;	καὶ ὁ βραχίον κυρίου τίνι ἀπεκαλύφθη;
Quem acreditou no nosso anúncio?	Senhor , quem acreditou no nosso anúncio?	Senhor , quem acreditou no nosso anúncio,
E o braço de YHWH, sobre quem se manifestou?	E o braço do Senhor , sobre quem se manifestou?	E o braço do Senhor , sobre quem se manifestou?
Is 6,9-10 (TM)	Is 6,9-10 (LXX)	Jo 12,40 (NA ²⁸)
<p>⁹וַיֹּאמֶר לְהִיאָרְתָּ לְעַם הַזֶּה</p> <p>וְשָׁמְעוּ וְשָׁמְעוּ וְלֹא-תִבְיִנוּ</p> <p>וְרָאוּ וְרָאוּ וְלֹא-תִדְרְעוּ:</p> <p>¹⁰הַשְׁמֹן לִבֵּיהֶם הִזָּה וְאֲזַנֵּי</p> <p>הֶכְבְּד וַעֲיִנֵּי הִשְׁע</p> <p>פֶּן-יִרְאֶה בְּעֵינָיו וּבְאֲזַנָּיו</p> <p>יִשְׁמַע וּלְבָבוֹ יִבִּין וְשָׁב</p> <p>וְרָפָא לָּו:</p>	<p>⁹καὶ εἶπεν πορευθήτι καὶ εἶπὸν τῷ λαῷ τούτῳ ἀκοῇ ἀκούσετε καὶ οὐ μὴ συνῆτε καὶ βλέποντες βλέψετε καὶ οὐ μὴ ἴδητε</p> <p>¹⁰ἐπαχύνθη γὰρ ἡ καρδία τοῦ λαοῦ τούτου καὶ τοῖς ὠσίν αὐτῶν βαρέως ἤκουσαν καὶ τοὺς ὀφθαλμοὺς αὐτῶν ἐκάμμυσαν μήποτε ἴδωσιν τοῖς ὀφθαλμοῖς καὶ τοῖς ὠσίν ἀκούσωσιν καὶ τῇ καρδίᾳ συνῶσιν καὶ ἐπιστρέψωσιν καὶ ἰάσομαι αὐτούς.</p>	<p>⁴⁰τετύφλωκεν αὐτῶν τοὺς ὀφθαλμοὺς καὶ ἐπόρωσεν αὐτῶν τὴν καρδίαν, ἵνα μὴ ἴδωσιν τοῖς ὀφθαλμοῖς καὶ νοήσωσιν τῇ καρδίᾳ καὶ στραφῶσιν, καὶ ἰάσομαι αὐτούς.</p>
<p>⁹E disse: vai; dirás a este povo, escutai certamente e não entenderéis, vede certamente e não conhecereis;</p> <p>¹⁰Faze gordo o coração deste povo, e os ouvidos dele, faze pesados, e os olhos dele, faze grudar, para que não veja com seus olhos e, com seus ouvidos, escute, e com seu coração entenda; e se convertam e se cure.</p>	<p>E disse: vai e dize a este povo: ouvindo, ouvireis e não entenderéis; e vendo, vereis e não perceberéis. Se torne gordo o coração deste povo e, com os ouvidos deles, com dificuldade, ouviram e, os olhos deles, fecharam, para que não percebam com os olhos e, com os ouvidos, ouçam e, com o coração, entendam e se convertam e os curarei.</p>	<p>⁴⁰Cegou os olhos deles e endureceu o coração deles, para que não vejam com os olhos, mas entendam com o coração e se convertam, e os curarei.</p>

Tabela e tradução dos autores.

A citação de Is 53,1, realizada pelo IV Evangelista, segue literalmente o texto da LXX que, por sua vez, guarda estreita relação e proximidade com o TM (CARSON, 2007, p. 448). Já o uso do texto de Is 6,9-10 não foi completo²⁴,

Il Vangelo di Giovanni, p. 507-509.

24 As partes em negrito ressaltam a equivalência (hebraico e grego) ou identidade (o grego da LXX e o grego do IV Evangelho).

mas empregado com certa liberdade. O autor do IV Evangelho o reduz, retirando-lhe apenas a parte de interesse para sua aplicação àquela circunstância e à defesa de seu propósito no local em que ocorrem no Evangelho. Contudo, as palavras-chave necessárias à compreensão da intenção do autor encontram-se presentes: “τετύφλωκεν αὐτῶν τοὺς ὀφθαλμοὺς/cegou os olhos deles” e “ἐπόρωσεν αὐτῶν τὴν καρδίαν/endureceu o coração deles”.

Observe-se que o autor joanino cita a parte final de modo quase literal, com exceção de algumas formas verbais distintas, uma vez que servem de reforço e apontam as consequências relativas às frases iniciais. Do *quiasmo* constante no texto isaiano²⁵ no idioma hebraico, o autor do IV Evangelho retirou a palavra *ouvido* e as referências à audição, pois “para ele o importante são os olhos e a mente (o coração), porque se trata de ver os sinais e interpretá-los. Não fecharam os ouvidos a uma doutrina, mas os olhos a uma realidade” (MATEOS; BARRETO, 1979, p. 572; tradução nossa).

A passagem de Is 6,9-10 encontra-se ao início do livro do profeta e refere-se à sua vocação e ao seu chamado. A descrição da teofania constante no relato de Is 6,1-8 não interessa ao evangelista neste momento. Sua intenção centra-se em ressaltar o aspecto paradoxal da missão do profeta e, com isso, estabelecer um paralelo com a missão de Jesus, que igualmente se mostrara, até aquele momento e de modo aparente, contraditória. A pregação do profeta gerará desconfiança e levará o povo a rejeitar seu anúncio. Ao contrário do esperado, suas profecias, ao não serem acolhidas, irão causar no povo um endurecimento do coração (ODEN, 2013, p. 115), ficando “fechado ao dom” de Deus (ZEVINI, 1996, p. 66). Por este motivo, João resgata esta passagem. Os inúmeros e grandiosos sinais realizados por Jesus não obtiveram o efeito desejado de suscitar a fé naquele que os realizava. Havia, decerto, um assombro inicial e a indagação sobre a identidade e o poder de quem os executava. Contudo, esta reação não evoluía para uma fé firme e perene.

Anterior à citação, o comentário do evangelista remonta àquele período, pelo emprego da frase: “οὐκ ἠδύναντο πιστεύειν/não podiam acreditar” (Jo 12,39a). As duas citações se completam e a segunda fornece a base interpretativa da primeira. A rejeição e a incredulidade do passado se repetem (MAZZAROLO, 2000, p. 153). O enviado de Deus no passado – o profeta – e o enviado de Deus no presente – seu próprio Filho, com sorte de profeta – encontram situações similares. A obstinação e a incredulidade (PÉREZ MILLOS, 2016, p. 1223; BOOR, 2002, p. 57) se mantêm naquele povo de “cerviz dura”: o povo continua a não ver e a não crer, inclusive dirigentes israelitas (ODEN (ed.), 2013, p. 112). João, contudo, interrompe o paralelismo e introduz o elemento de distinção entre as duas pregações, pelo emprego de forte expressão no v.42: “ὅμως μέντοι/no entanto, certamente”.

Delimitação e estrutura

A perícopos Jo 12,37-44 não apresenta problemas quanto à sua delimitação. Ela encontra-se ao final do Livro dos Sinais (Jo 3-12) e cumpre bem seu papel de servir como uma avaliação referente ao efeito da pregação, fundamentada nos sinais, durante o ministério público de Jesus (DODD, 2003, p. 490). Pouco antes, e ainda uma vez, os judeus “não creram nele”, confrontando suas palavras com a Lei (Jo 12,34).

Tendo cumprido sua missão de revelar o Pai e de fazê-los entender que, crendo nele, também se tornariam

²⁵ Is 6,10: coração-ouvidos-olhos – olhos-ouvidos-coração.

filhos (Jo 1,12), Jesus, através de sua pregação e da realização dos sinais, retira-se e oculta-se (Jo 12,36). Tudo o que era para ser dito (palavras) e feito (ações), assim o foi. O encerramento da perícopes anterior delimita o início de Jo 12,37, que se inicia com o evangelista assumindo a narrativa para indicar, em um tom negativo, a retrospectiva do ministério de Jesus: “não creram nele” (Jo 12,37b), para posteriormente concluir com uma afirmativa, indicando que Deus os curará (Jo 12,40f). Ainda como fatores delimitadores, não só da perícopes, mas de toda esta primeira parte, Jesus não falará mais em público, mas somente em particular aos discípulos, e o termo “sinais” não é mais utilizado²⁶.

A narrativa mostra-se coerente. Na primeira parte, a composição com as duas citações de Isaías fornece a coesão necessária ao texto e, na parte final, a palavra “δόξα/glória” une os três versículos finais, dando unidade a seu tema (“honra/glória”) (ORLANDO, 2022, p. 198; SIMOENS, 2002, p. 515; BOISMARD; LAMOUILLE, 1987, p. 327; ZUMSTEIN, 2008, p. 552). O encerramento da perícopes ocorre com o início do último discurso de Jesus em Jo 12,44-50, claramente abrindo nova seção temática. Agora, o narrador da seção anterior devolve a palavra a Jesus que, no plano do evangelista, reafirma sua procedência e unicidade com o Pai: “porque não falei por mim mesmo, mas o Pai, que me enviou, me prescreveu o que dizer e o que falar” (Jo 12,49). Embora não haja consenso sobre sua localização²⁷, Jo 12,44-50 indica um final natural da seção anterior.

Quanto à estrutura, pode-se dividir a perícopes em duas partes: a) vv.37-41: a incredulidade do povo judaico e sua causa; b) vv.42-43: a fé insipiente das autoridades judaicas e o medo. Estas duas partes podem ser segmentadas em unidades, como apresentado a seguir, na tabela.

37	E tantos de seus sinais, tendo realizado (Jesus) diante deles, não acreditavam nele,	Constatação/fato	A
38	para que a palavra do profeta Isaías se cumprisse, a qual disse: Senhor, quem acreditou no nosso anúncio e o braço do Senhor, sobre quem foi manifestado?	causa/motivo	B
39	por isso, não podiam acreditar, porque também disse Isaías ,		
40	Cegou os olhos deles e endureceu o coração deles, para que não vejam com os olhos, mas entendam com o coração e se convertam, e os curarei.		

26 O evangelista não emprega o termo “sinais” em todo o Livro da Glória, segunda grande parte do Evangelho. Só voltará a aparecer, apenas uma única vez, ao final da primeira conclusão, em Jo 20,30 (LÉON-DUFOUR, X., *Leitura do evangelho segundo João I*, p. 338). Cabe observar o contraste entre as duas ocorrências. Para o evangelista, em Jo 12,37, o termo “sinais” assume um tom negativo, pois não atingiram seu objetivo (“não creram nele”), que se reverte um positivo em Jo 20,30. Neste último emprego, “muitos outros sinais” foram realizados e não escritos a fim de que, para aqueles que creem, tenham “vida em Seu nome”.

27 A perícopes Jo 12,44-50 parece fora de lugar e de contexto. Em Jo 12,36, Jesus retira-se, oculta-se e não fala mais em público, só com os discípulos e de modo privativo. Além disso, não há qualquer referência de local, ambiente e destinatários deste discurso (SCHNACKENBURG, R., *El Evangelio según San Juan*, p. 507; KÖSTENBERGER, A., *John*, p. 393). FABRIS, R.; MAGGIONI, B., *Os Evangelhos II*, p. 406, concorda e atribui esta inserção a um redator final; LÉON-DUFOUR, X., *Leitura do evangelho segundo João I*, p. 344, defende a localização. Cabe notar que se apresenta apenas a questão da localização da perícopes e não sua autenticidade.

41	Estas coisas, disse Isaías porque viu a glória dele e (por isso) falou a respeito dele.	dobradiça	C
42a	No entanto, certamente também dentre os líderes, muitos acreditaram nele,	constatação/fato	A'
42bc.43	mas, por causa dos fariseus, não confessavam para que não fossem expulsos da Sinagoga. De fato, amaram a glória dos homens mais que a glória de Deus.	causa/motivo	B'

Tabela e tradução dos autores.

Observa-se um paralelismo que se apresenta, entre A e A', de modo antitético. Em A, enquanto o povo não acreditou nele; em A', certos líderes creram. No caso do povo judeu, ainda israelita à época, Isaías já lhes cita a cegueira e o endurecimento do coração, que os acompanham desde os tempos remotos (B). Trata-se, afinal, de um povo de “cerviz dura”. No caso da crença que não pode ser declarada – as autoridades –, a raiz se encontra no medo das consequências desta atitude (B'), demonstrando ser uma fé imatura e superficial, subordinada a condicionantes humanos, o que, de certa forma, não deixa de ser um endurecimento do coração na relação a Deus (v.43).

O v.41 (C) cumpre o papel de dobradiça entre os dois momentos: *A/não crer* e *A'/crer*, pois refere-se à visão da glória, ou seja, ao reconhecimento daquele que realiza os sinais e pelo poder de quem os realiza.

Nos Evangelhos em geral, a fé se apresenta como um processo de adesão inegociável, isto é, situação em que não há espaço para uma fé sem um compromisso pleno (OPORTO, 2004, p. 264)²⁸. Em particular, “o evangelho segundo João, tem a intenção de reestruturar a fé dos crentes. Pretende fazê-los passar de uma fé enfraquecida e abalada para uma fé consolidada e claramente formulada” (MARGUERAT, 2015, p. 461; BRUCE, 1987, p. 24; FABRIS; MAGGIONI, 1992, p. 253). Esta reestruturação ou fortalecimento passa necessariamente pela compreensão da pessoa de Jesus Cristo²⁹. É o reconhecimento que conduz à fé. E, por sua vez, ter fé – *crer* – em Jesus Cristo implica em querer ver para além dos fatos concretos – os sinais –, *ver* com o coração e não com a vista, para atingir a divindade³⁰ oculta na humanidade, real objetivo dos sinais.

João e os Sinóticos: sinais e parábolas

Nos Evangelhos Sinóticos, a citação de Is 6,9-10 ocorre de maneira livre. O texto que consta no Evangelho de Mateus é o que mais se aproxima do Texto Massorético, embora siga a forma da LXX (BEUTLER, 2016, p. 315; SLOYAN, 2008, p. 198), como é comum no NT; e o texto de Lucas é o mais breve. Marcos parece esclarecer

28 O autor comenta, sobre o v.42 da perícopa Jo 12,37-43, a censura “tão fina quanto implacável a todos aqueles que não eram coerentes com a condição de sua fé”, chamando a estes de cristãos “medrosos”.

29 Para a teologia joanina, Jesus é o revelador do Pai por excelência, de onde vem (Jo 1,1-2; 16-28) e para onde volta (Jo 16,5.10.28; 17,13), e também Seu enviado (Jo 10,36; 17,18.25; 20,21) para anunciar o amor do Pai e que a salvação passa obrigatoriamente pela fé nele (Jo 14,6). Ele é o Filho de Deus, que se fez carne em Jesus de Nazaré, e é o Cristo/Messias. Maior aprofundamento em PERKINS, P. Evangelho segundo João. In: BROWN, R.; FIZTMYER, J. A.; MURPHY, R. (orgs.), Novo comentário bíblico São Jerônimo. Novo Testamento e Artigos Sistemáticos, p.743-744; MARGUERAT, D., Novo Testamento, p. 462-465; BORING, M. E., Introdução ao Novo Testamento, p. 1194-1196; OPORTO, S., Comentário ao Novo Testamento, p. 264-265.

30 Jo 1,1; 10,30; 14,9ss.

um pouco mais seus leitores-ouvintes sobre o emprego da profecia isaiana naquele momento, conservando mais proximidade inclusive com a LXX, que tem o uso do *passivum divinum*, em que é Deus quem endurece os corações (DODD, 2003, p. 490-491).

Para os Sinóticos, a referência à passagem de Isaías surge no contexto das parábolas de Jesus. Em todas as três perícopes sinóticas, logo após a parábola do semeador, os discípulos indagam a Jesus sobre o motivo de ensinar o povo através de parábolas. A resposta ocorre, igualmente nos três Evangelhos, entre a parábola e sua explicação. Os verbos “ἀκούω/ouvir” e “συνίημι/entender” encontram-se presentes em todas estas três passagens. Se João omite o trecho de Isaías sobre “ouvir”, os três evangelistas sinóticos o expõem, em menor ou maior detalhe, pois, através da palavra – parábolas –, Jesus ensina e transmite a doutrina, enquanto João realça que Isaías “viu” a glória de Cristo (BEUTLER, 2016, p. 315; ODEN, 2013, p. 113); de tal forma que Isaías é indicando como que um “emissário” de Cristo (HAENCHEN, 1984, p. 101; BOOR, 2002, p. 56), que “tinha falado dele” (MARTÍNEZ LOZANO, 2019, p. 311).

As parábolas nos Sinóticos possuem função semelhante aos *sinais* no IV Evangelho. “Ambos, sinais e parábolas, têm um elemento enigmático que divide os ouvintes” (BROWN, 2020, p. 838). Nos dois casos, ambos impelem o homem a uma atitude e decisão: qual será sua reação? Uma adesão, mediante a fé, que transcende o que foi ouvido ou visto e o desvela, penetrando no seu mistério³¹ mais profundo; ou uma rejeição, mediante exclusivamente o uso dos sentidos humanos, que não permite adentrar o mistério e permanece na sua superficialidade material?

Com relação a um comparativo no campo da visão, os *sinais* em João poderiam encontrar, nos *milagres* dos Sinóticos, um paralelo. Da mesma forma que o *senal* joanino apela para a visão, requer-se este mesmo sentido para o *milagre*. Contudo, enquanto para João, o *senal* pretende indicar que a força e o poder do Pai se revelam em Jesus, que assim também o revela, no caso dos Sinóticos, o aspecto taumatúrgico e do maravilhoso sobressai, apontando para a chegada do novo Reino³². De um modo geral ligado a curas e domínio sobre a natureza³³, os milagres Sinóticos visam o prodígio como revelador do poder do Pai em Jesus, com vistas à implantação do novo Reino em oposição ao reino do mal, cujos símbolos são as doenças e a morte (os milagres relacionados à ressurreição). A falha em entender as *parábolas* se identifica com a falha em compreender os *sinais* e, nos dois casos, em aceitar Jesus.

Os Evangelhos de Mateus e Marcos não fazem qualquer referência à relação “ver/crer” após a ressurreição. Embora Lc 24,36-43 comente sobre uma aparição de Jesus aos apóstolos, logo após a narrativa dos discípulos de Emaús, a questão do “ver” – “vede minhas mãos” –, este evangelista não parece querer associar diretamente com o fato do “ver” para um despertar da fé tão direto quanto nas narrativas joaninas. Apesar da frase “vede minhas mãos e meus pés” (Lc 24,39), Lucas parece focar na ressurreição propriamente, pois escreve

31 Cada evangelista sinótico apresenta sua expressão do mistério, mais conveniente e adequada a seus leitores-ouvintes. Mateus (13,11) se refere a “τὰ μυστήρια τῆς βασιλείας τῶν οὐρανῶν/os mistérios do reino dos céus”. Marcos (4,11) alude a “τὸ μυστήριον τῆς βασιλείας τοῦ Θεοῦ/o mistério do reino de Deus” e Lucas (8,10) menciona “τὰ μυστήρια τῆς βασιλείας τοῦ Θεοῦ/os mistérios do reino de Deus”.

32 Nos três Sinóticos, o mistério está relacionado à palavra “reino” (nota sobre a palavra “mistério” deste item).

33 Marcos, em particular, apresenta nada menos que 13 milagres ligados a estas duas temáticas (ASCOUGH, R. S., Milagres de Jesus, p. 5-7).

em seguida, no mesmo versículo: “Apalpai-me e entendei que um espírito não tem carne, nem ossos”³⁴.

Considerando o Evangelho de Marcos ao final da década de 60, já se teriam passado mais de trinta anos do evento pascal. No caso do IV Evangelho, datado da segunda metade da década de 90, é provável que uma geração já tenha se passado e que restassem muito poucas testemunhas oculares do evento pascal. A resposta de fé das comunidades, de modo singular as joaninas, poderia estar enfraquecida, inclusive por situações externas, e sendo questionada.

Em João, o “ver” assume um grau distinto (CARDONA RAMÍREZ, 2015, p. 143). Daí o uso dos sinais, que velam e desvelam. O episódio de Tomé: “porque me viste, creste” (Jo 20,29) não poderia deixar mais clara esta relação. Para o Evangelho joanino, o episódio de Tomé (GONZAGA; LIMA, 2022, p. 130-163) representa uma situação concreta e vivenciada na comunidade e a pergunta se mostra, ao mesmo tempo, delicada e vigorosa: “é preciso ver para crer?”. Se com Jesus vivo, os sinais não teriam sido suficientes (Jo 12,37), com Jesus não mais estando fisicamente entre eles e não sendo visto e ouvido, como perseverar na fé? Na comunidade, quantos apresentavam uma fé forte no exterior, dissimulando uma fé interior hesitante? A comunidade precisa não só responder, mas manter viva e sólida a fé no Ressuscitado. O evangelista percebe, reconhece aquele momento e resgata este episódio para reavivar a fé: “vencida a incredulidade, o evangelista no-lo [a Tomé] apresenta como modelo da fé cristã” (OPORTO, 2004, p. 326).

Comentário exegético

A perícopie joanina (Jo 12,37-43) cita duas passagens de Isaías (Is 53,1; Is 6,9-10)³⁵. Embora os contextos das duas citações de Isaías em seu livro sejam distintos e as mensagens de cada texto possuam seu objetivo próprio, de acordo com a posição em que se inserem e o momento a que se referem, as duas passagens estão interligadas e se aplicam à intenção do evangelista, pois tratam das intervenções de Deus na história do povo escolhido e da tríade “ver”, “ouvir” e “acreditar”.

A primeira passagem se encontra dentro do IV Cântico do Servo Sofredor (Is 53,1) (MALZONI, 2018, p. 225; CARSON, 2007, p. 448; BLANK, 1991, p. 339; ZUMSTEIN, 2008, p. 553). O autor do IV Evangelho utiliza esta passagem *verbatim*, segundo a LXX (HENDRICKSEN, 2014, p. 518; BOISMARD; LAMOUILLE, 1987, p. 328). O IV Cântico, que traz a palavra de Deus em sua abertura e em sua conclusão, desenvolve-se através dos pilares “paixão” e “glória”.

34 “Enquanto Lc 24,41-43 alonga a demonstração da identidade física de Jesus com o crucificado em resposta à incredulidade, João cria um relato separado acerca do aparecimento de Jesus a Tomé” (PERKINS, P.; Evangelho segundo João. In: BROWN, R.; FIZTMYER, J. A.; MURPHY, R. (orgs.), Novo comentário bíblico São Jerônimo. Novo Testamento e Artigos Sistemáticos, p.813), com destaque para dois pontos da teologia joanina: o apelo à fé, a tornar-se crente; e o reconhecimento de Jesus como “Senhor e Deus”, pela identificação do Ressuscitado e exaltado em continuidade ao Crucificado e humilhado.

35 Não cabem, para o evangelista em sua época, as discussões e distinções modernas sobre o livro de Isaías, suas divisões, seus aspectos históricos, teológicos e literários (LÉON-DUFOUR, X., Leitura do Evangelho segundo João I, p. 339). O livro do profeta Isaías se encontra, juntamente com os livros dos Salmos e de Jeremias, entre os três maiores livros da BH, além de ser um dos mais citados pelo NT com cerca de 85 citações, sem considerar as alusões ou os ecos. O livro já era conhecido pela comunidade de Qumran em meados do séc. III a.C., com uma cópia bem conservada e significativamente completa, entre os textos encontrados nas Grutas de Qumran, nas descobertas de 1947.

A segunda citação se insere no chamado de Deus ao profeta Isaías (Is 6,9-10) (CASTRO SÁNCHEZ, 2008, p. 232; HENDRISKSEN, 2014, p. 520; CARSON, 2007, p. 448; BOISMARD; LAMOUILLE, 1987, p. 329; BLANK, 1991, p. 339; ZUMSTEIN, 2008, p. 553). As palavras do texto profético, citadas no corpo do IV Evangelho, são do próprio YHWH a Isaías: “Vai e dize a este povo...”. O evangelista faz um uso livre desta passagem, sem seu emprego completo e sem citá-la *ipissíma verba*. A parte selecionada pelo evangelista recorre à dificuldade da missão do profeta, dentro do seu relato de vocação.

A perícopos Jo 12,37-43 trata das capacidades humanas (“ver e ouvir”) que não somente caracterizam o anúncio, mas que levam – ou que deveriam levar – ao “crer”. O evangelista recupera exatamente este contexto. Deus encontra-se manifesto, encarnado e presente na história, e o ser humano pode vê-lo, ouvi-lo e tocá-lo (1Jo 1,1). Face aos sinais realizados, a cada um, apresenta-se uma escolha. No entanto, a realidade e as circunstâncias levam cada ser humano que “vê” e “ouve” a tomar sua decisão. Segundo Beasley-Murray: “Esta sentença de abertura apresenta um sumário do parágrafo vv.37-43: a resposta ao ministério de Jesus pelo seu povo foi de uma incredulidade persistente” (BEASLEY-MURRAY, 1987, p. 215 (tradução nossa)).

Ao longo de toda a primeira parte do IV Evangelho, vários e grandiosos sinais foram realizados por Jesus, “demonstrações espantosas de sua identidade messiânica (das quais o quarto evangelista escolheu sete exemplares extraordinários)” (KÖSTENBERGER, 2014, p. 597), e, contudo, não se pode afirmar que houve uma adesão significativa à mensagem transmitida durante seu ministério público. Alguns mostraram-se fiéis e proclamaram uma fé autêntica; são poucos, contudo. Apesar da grande admiração diante dos sinais, as multidões que os presenciaram apenas demonstram um deslumbramento inicial e uma posterior fé titubeante e não persistente³⁶. O aparente insucesso de sua missão de revelar o Pai deve-se unicamente à obstinada falta de fé e ao seu fechamento para as ações salvíficas de Deus por parte do povo e não às manifestações do poder de Deus realizadas em e por Jesus Cristo. Contudo, apesar da constatação ao final do Livro dos Sinais (Jo 3-12), o próprio evangelista já havia antecipado este cenário (Jo 1,11).

A citação de Is 53,1 soa quase como um lamento. Iniciando com um vocativo – ó Senhor –, na primeira parte, o profeta pergunta: “Quem acreditou no nosso anúncio?”. Mais que uma mera avaliação quantitativa, o evangelista pretende realizar uma reflexão qualitativa e teológica³⁷: considerados os sinais, tantos e grandiosos, por que os homens não creem? Em seguida, como um reforço, a segunda parte da pergunta aprofunda a reflexão: “sobre quem se manifestou o poder de Deus?”. Deus manifestou seu poder através das inúmeras ações realizadas na história sobre este mesmo povo – de cerviz dura – e para sua salvação.

Como não só a pessoa do profeta, mas também seus escritos, estavam arraigados na memória religiosa do povo israelita, para seu leitor-ouvinte, o evangelista resgata a história como testemunha do poder de Deus que se

36 No tocante à primeira parte do IV Evangelho, aparecem duas dinâmicas: sinal-fé, e sinal-incredulidade. Estes dois binômios subjazem em cada relato e levam o leitor a uma tensão quanto ao resultado final de cada sinal realizado. Vale observar, ainda, que quase toda cena do Livro dos Sinais termina trazendo à tona ou uma questão de fé ou de incredulidade (MOLLAT *apud* FABRIS, R.; MAGGIONI, B., Os Evangelhos II, p. 404).

37 No desenvolvimento de sua teologia, João reflete sobre o tema da constante disponibilidade e presença divinas e a atitude do homem de, vendo e ouvindo, preferir por não entender e aceitar. Esta temática, já mencionada outras vezes no IV Evangelho, assume aqui um papel de resumo e conclusão, antes do derradeiro e decisivo caminho proposto – o Livro da Glória (SCHNAKENBURG, R., El Evangelio según San Juan, p. 506-507).

manifesta para sua salvação. E como no passado, quando YHWH realizou ações grandiosas em favor do povo, agora Jesus, o Filho de Deus e o Messias enviado, igualmente realiza tantos e grandiosos sinais – pelo braço de YHWH³⁸ (Jo 5,19) – e, da mesma forma, o povo mostra-se cético e não crê. O resgate da citação funda-se na continuidade da incredulidade, desde tempos remotos, e se prolonga, de modo persistente e obstinado, até aquele momento histórico³⁹.

A temática do “ver e ouvir” como forma de chamar a atenção para as ações divinas e conduzir o povo à fé é recorrente no AT. O *Shemá*, uma das mais caras orações israelitas, e símbolo da Primeira Aliança, inicia-se com a ordem: “Ouve, ó Israel!” (Dt 6,4). Igualmente, não é incomum na literatura profética. Seguindo esta linha, João continua a citar Isaías. Na sentença de introdução deste trecho (v.40), a passagem da vocação do profeta (Is 6,9-10)⁴⁰, o evangelista faz uso de três termos que tornam o contexto mais intenso: da expressão “διὰ τοῦτο/por isso”, do advérbio “πάλιν/de novo” e do verbo “δύναμαι/poder”. Este segundo trecho de Isaías, João não o cita na íntegra, mas de modo livre, omite a parte inicial e apresenta apenas a parte final de maneira mais fiel, de acordo com sua intenção teológica para o caso concreto⁴¹. Trata-se de uma busca, nas Escrituras de Israel, de uma base veterotestamentária que forneça o embasamento para a causa da incredulidade (BEUTLER, 2016, p. 315). Neste sentido, o evangelista opta por iniciar o v.39 com “διὰ τοῦτο/por isso”, indicando o motivo, e uso do advérbio “πάλιν/de novo”, para recorrer a Isaías, já citado anteriormente. O motivo da incredulidade se encontra na segunda passagem do profeta. O emprego do verbo “δύναμαι/poder” contém, neste caso, conteúdo teológico que poderia, à primeira vista, levar ao equivocado entendimento de uma predestinação por parte de Deus⁴². Contudo, mesmo levando-se em conta o que está escrito nas

38 Jesus confronta os judeus na discussão de Jo 10 (vv.22ss), quando lhe é pedido que afirme ser ele o Cristo. Jesus ressalta-lhes a incredulidade: “não acreditais” (v.25) e afirma que “τὰ ἔργα/as obras” que faz, ele as realiza “em nome do Pai”. Na sequência, em 10,37s, Jesus, uma vez mais, tenta vencer a obstinação e resistência à fé quando declara: “Se não faço as obras de meu Pai, não acrediteis em mim; mas se as faço, mesmo que não acrediteis em mim, crede nas obras, a fim de reconhecer de uma vez que o Pai está em mim e eu no Pai” (Jo 10,37-38). Uma incredulidade antiga, recorrente e persistente, desde “as estepes de Moab” (LÉON-DUFOUR, X., *Leitura do Evangelho segundo João I*, p. 339; FABRIS, R.; MAGGIONI, B., *Os Evangelhos II*, p. 405). “O braço de Deus – a poderosa ação de Deus através dos sinais” (BEASLEY-MURRAY, G., *John*, p. 216 – tradução nossa).

39 Com a citação de Is 53,1, João não tem a intenção apresentar todos os aspectos do Servo Sofredor, realizando uma comparação completa, mas somente a situação pontual da incredulidade (SCHNACKENBURG, R., *El Evangelio según San Juan*, p. 509). Por outro lado, em relação ao contexto original da passagem Is 53,1, o Servo foi rejeitado pelos homens em um primeiro momento para, em seguida, ser exaltado por Deus. O paralelo joanino é inevitável: a não aceitação dos sinais – rejeição – pelos homens e, como prolepe para sequência do Evangelho, a exaltação e glorificação de Jesus pelo Pai. Em João, Jesus assume a figura do Servo (KÖSTENBERGER, A., *John*, p. 309-310; KONINGS, J., *Evangelho segundo São João*, p. 281; FABRIS, R.; MAGGIONI, B., *Os Evangelhos II*, p. 404-405) e confere um caráter messiânico àquela passagem isaiana (KÖSTENBERGER, A. J. João. In: BEALE, G. K.; CARSON, D. A. (orgs.). *Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento*, p. 597-598).

40 A passagem de Is 6,9-10 é considerada “tradicional na polêmica cristã contra a incredulidade” (KONINGS, J., *Evangelho segundo João*, p. 281), sendo citada em outras passagens do NT (Sinóticos, Atos e Romanos). Ao colocá-la na sequência da primeira, Is 53,1, e anterior ao v.41: “[...] viu a Sua glória e, por isso, falou a respeito dele”, o evangelista quer atestar que Jesus é o enviado do Pai, que, através dele, realiza seus sinais e obras.

41 Quando o contexto permite, João cita o trecho do AT de modo tradicional, sem acomodações. Quando o evangelista possui um algum motivo especial, ele o acomoda (SCHNACKENBURG, R., *El Evangelio según San Juan*, p. 509). Este parece ser o caso. João cita somente a parte final de modo mais literal, tanto em relação ao Texto Hebraico quanto à LXX. Vide item 2.2 Críticas textuais mais relevantes, advérbio de negação “μη/não”.

42 No início da citação de Is 6,9-10, YHWH dá uma ordem a Isaías para que ele a cumpra, em Seu nome. Os verbos em relação a Isaías estão no imperativo e o sujeito é o próprio Deus וְאַתָּה יְהוָה (vai; escutai; vede). Os verbos empregados por YHWH para que Isaías cumpra junto ao povo, também se encontram no imperativo, porém no aspecto *hifil*: תַּעֲשֶׂה (torna ou faz insensível – gordo; torna ou faz pesados; torna ou faz grudar). A tradução da LXX suaviza o primeiro verbo, que seria a ordem de

Escrituras de Israel, tal fato não exige o homem de sua responsabilidade na escolha e decisão. Com relação a estas duas temáticas, aparentemente incompatíveis, Schnakenburg (1980, p. 510, tradução nossa) comenta: “Não obstante, as aparências enganam. [...] A obstinação, que chega por vontade divina, e se realiza no acontecer histórico, mas que implica na decisão responsável dos homens, já se encontrava expressa com a mesma agudeza em 9,39”.

O endurecimento do coração e da mente não traduz uma imposição ao homem por parte de Deus. Mesmo que a incredulidade do homem seja entendida e aceita por Deus, na linguagem do hagiógrafo um desígnio divino, encontra-se nela, no fundo, uma decisão humana. Outras passagens da literatura profética deixam claro que, antes de se configurar como uma ordem, a cegueira e a surdez têm origem nas próprias respostas do povo às manifestações salvíficas de YHWH, com rebeldia e desobediência (PÉREZ MILLOS, 2016, p. 1225). Em passagem anterior, no início do Livro da Consolação, Isaías já havia retratado este ponto⁴³. De maneira semelhante, também Jeremias e Ezequiel⁴⁴ expõem esta situação. Na perspectiva desta passagem de Isaías, “o imperativo de Deus ao profeta é retórico; o que se propõe como finalidade divina é, na realidade, efeito do endurecimento do povo mesmo” (MATEOS; BARRETO, 1979, p. 572, tradução nossa).

As ações e as palavras divinas causam sempre algum tipo de resposta no homem. Ao se recusar a ver tais ações e a escutar tais palavras, o homem se fecha e recusando-se a vê-las, a ouvi-las e a entendê-las, ele causa em si mesmo o endurecimento do coração e da mente. O homem precisa querer ver⁴⁵. O fechamento dos olhos e o embotamento dos sentidos provêm da própria vontade humana de fechar-se ao plano de Deus. O v.42, por sua vez, esclarece este entendimento, pois “muitos creram nele”, inclusive alguns pertencentes à classe dirigente, entre seus “chefes/líderes” (BEUTLER, 2016, p. 316; SLOYAN, 2008, p. 198), o que indica que pelo menos alguns entre as “autoridades” acreditaram nele (HAENCHEN, 1984, p.101; BOOR, 2002, p. 58). Apesar do desígnio divino, este não se configura como absoluto ou irrevogável, pois, dada a liberdade do homem, cabe a ele, em última análise, tomar a decisão. Fosse ações divinas ou palavras dos profetas do passado, ou sejam os sinais realizados por Jesus, o homem deve estar aberto a esta nova realidade para poder responder-lhe resolutamente e sem medo.

A união das duas passagens de Isaías confere força escriturística e fornece uma resposta à problemática da persistente incredulidade dos judeus. Seguindo seu plano narrativo, o evangelista coloca esta rejeição à pessoa de Je-

Deus, colocando-o na voz passiva: ἐπαχύνθη/παχύνω – aoristo passivo, “um passivo menos ofensivo (BROWN, R. E., Comentário ao Evangelho segundo João, vol. 1(1-12), p. 784). Em Ex 7,3, encontra-se outra passagem com construção semântica similar. Entretanto, o hagiógrafo utiliza outro verbo – נִשְׁקָ –, traduzido normalmente por endurecer ou tornar insensível.

43 Is 42,18: “Ouvi, ó surdos! Olhai e vede, ó cegos! Mas que é cego senão o meu servo [Israel]?”. A admoestação prossegue. O texto do v.20 deixa ainda mais claro o sentido similar ao de 6,9-10.

44 Jr 5,21: “Ouvi isto, povo insensato e sem inteligência! Eles têm olhos, mas não veem, têm ouvidos, mas não ouvem”. No v.23: “Mas este povo tem coração indócil e rebelde”. Em Ez 12,2: “Filho do homem, tu habitas no meio de uma casa de rebeldes, que têm olhos para ver, mas não veem, têm ouvidos para ouvir, mas não ouvem. Com efeito, são uma casa de rebeldes”; MAZZAROLO, I., “Nem aqui, nem em Jerusalém”. Evangelho de João, p. 153.

45 Porter, baseado em um trabalho de Phillips (Faith and Vision in the Fourth Gospel, London: A. R. Mowbray, 1957), propõe uma progressão dos significados para os verbos com sentido de “ver” que levam a diferentes graus de compreensão: βλέπω (15 ocorrências; ato biológico) < θεωπέω (22 ocorrências; olhar com atenção e concentração) < θεάομαι (6 ocorrências; olhar e perceber algo prodigioso) < ὄρω (28 ocorrências; perceber além da superficialidade e penetrar na profundidade do que é visto). Este último, e mais empregado pelo evangelista, possui íntima relação com os sinais (Hearing the Old Testament, p.135-136). Por outro lado, Painter (John: Witness and Theologian. London: SPCK, 1975) discorda deste tipo de abordagem e não vê estas nuances de sentido.

sus, que se revela o Messias devido ao poder demonstrado pelos sinais e obras, ao final da primeira parte de sua Evangelho, como um apontamento para a segunda parte, ao mesmo tempo o ponto culminante de sua recusa pelos homens e a hora em que será glorificado pelo Pai. Os versículos de Isaías que antecedem os da segunda citação descrevem, dentro do relato de vocação, a visão de Deus em Seu trono pelo profeta⁴⁶. Em Is 6,3, o profeta relata que “a terra se enche com a glória de Deus”. O evangelista inspira-se nesta visão para, relacionando as duas passagens anteriores, ratificar sua fundamentação e associação a Jesus. Pelo fato de ter visto “a glória de Jesus” (v.41), Isaías referia-se a ele em Is 53,1 e 6,9-10 (ZUMSTEIN, 2008, p. 556). O autor do IV Evangelho leva, assim, seus leitores-ouvintes a associar de imediato a pessoa de Jesus ao próprio Deus (Jo 1,1). A *Glória* vista por Isaías em 6,1-5, João a associa ao Λόγος⁴⁷, ou “à sua glória”, expressão utilizada aqui em coerência com sua teologia (Jo 1,18; 17,5). E ao associar as duas passagens, João estabelece uma conexão entre a glória de Jesus, na analogia com Is 6,3, e sua paixão, morte e ressurreição, na evocação de Is 53,1, o cântico em que o Servo é humilhado para, em seguida, ser exaltado.

Na concepção judaica, YHWH e suas manifestações aos homens assumem diversas formas, como chama de fogo (Ex 3,2), nuvem (Ex 16,10; 33,9-10; 40,34-35), e recebem vários nomes, como: anjo (Gn 22,11; 31,11), homem (Gn 18,2; 32,25) e glória (Ez 43,1-2.4-5). Em particular, a “glória de Deus” se confunde com o próprio Deus⁴⁸. Para o autor do IV Evangelho, a glória divina já se encontra manifestada em Cristo e os sinais realizados por ele são prova irrefutável disso: “os sinais revelam sua glória” (SCHNAKENBURG, 1980, p. 497-498). O v.41 da perícopes em foco aponta para Jo 17,5 e as palavras de Isaías o confirmam: “Jesus é Deus, Filho de Deus”.

Em Caná, durante as bodas, os discípulos presenciaram o *primeiro sinal* de Jesus Cristo. Ali, “Ele manifestou sua glória e os discípulos creram nele” (Jo 2,11). Os discípulos creram porque viram a *glória* de Jesus que estava expressa naquele sinal realizado. Isto é, os discípulos quiseram ver a *glória* que estava escondida naquele particular evento prodigioso. Eles não pararam em uma visão superficial, apenas em seu aspecto taumátúrgico. Em contraposição, muitos dos que presenciaram outros sinais de Jesus ao longo de sua trajetória pública, “não creram nele” (Jo 12,37b). Como o fato concreto – o sinal – é o mesmo, por que alguns creem e outros não? E considerando a citação de Is 6,9-10, como entender e explicar que, ainda assim, alguns possam crer (Jo 12,42: “muitos, dentre as autoridades creram nele”)? A explicação centra-se na liberdade humana de querer crer, contra todos os obstáculos e impedimentos que possam existir, mesmo que equivocadamente se lhes possam atribuir a Deus.

Crer não é apenas ver, como defendem Fabris e Maggioni (1992, p. 404), mas *querer* ver a *glória* que os sinais exprimem. Neste mesmo sentido, ver a “glória de Jesus” exige uma atitude de abertura ao transcendente que o próprio

46 O TM registra “וְיָרָא”; e a LXX, “Κύριος”. A citação de João estaria mais próxima ao Targum dos Profetas e mostra-se coerente com Jo 1,18 (para detalhes, ver KÖSTENBERGER, A. J. João. In: BEALE, G. K.; CARSON, D. A. (orgs.). Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento, p. 604; BRUCE, F., João, p. 235; LEÓN-DUFOUR, X., Leitura do Evangelho segundo João, p. 341; SCHNAKENBURG, R., El Evangelio según San Juan, p. 512-513).

47 Há outras interpretações sobre o tipo de “glória de Jesus” a que o evangelista se refere, que fogem ao escopo do artigo. Para estas considerações ver BROWN, R. E., Comentário ao Evangelho segundo João, vol. 1(1-12), p. 784-785; LEÓN-DUFOUR, X., Leitura do Evangelho segundo João I, p. 341-342; e SCHNAKENBURG, R., El Evangelio según San Juan, p. 512-513.

48 Fiel ao pensamento judaico, João “afirma a impossibilidade de se ter uma visão direta de Deus [cf. 1.18; 5.37; 6.46]” (KÖSTENBERGER, A. J. João. In: BEALE, G. K.; CARSON, D. A. (orgs.). Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento, p. 604). Por isso, o evangelista escreve “viu a glória de Jesus”. O uso desta expressão autentica Sua divindade e relação com Deus.

Jesus, através dos sinais, representa, que provém do interior do homem e que envolve sua liberdade, iniciativa e vontade, muito além do que simples olhos (BLANCHARD, 2004, p. 63-69). Tal fato é expresso pelo evangelista como “mas entendam com o coração” (v.40d). Apesar de intimamente relacionados, sinais e glória representam realidades distintas. A manifestação de um realiza a do outro, mediante a fé. Só aquele que crê – entender com o coração o que de fato viu – consegue transpor o concreto do sinal, ainda que prodigioso, para “ver, no gesto de Jesus, a glória, isto é, o Filho de Deus” (FABRIS; MAGGIONI, 1992, p. 404). Para as comunidades joaninas, o evangelista quer transmitir a mensagem de que é preciso superar, como a um sinal, o Jesus, o carpinteiro e filho de carpinteiro – o concreto –, para atingir o Cristo, Filho de Deus, o Messias encarnado – a glória de Deus –, o que só se consegue mediante uma fé sólida e verdadeira, através de uma firme adesão pessoal.

Interessante observar dois aspectos da composição joanina com relação ao Livro dos Sinais (Jo 3-12). O evangelista abre e fecha esta parte com uma citação de Isaías e igualmente o faz com a expressão “τὴν δόξαν αὐτοῦ/*a sua glória*”, indicando que Isaías já tinha visto a glória de Jesus, do *lógos* eterno (CASTRO SÁNCHEZ, 2008, p. 233; CARSON, 2007, p. 450); neste sentido, “o passado (Isaías) é evocado para iluminar o presente” (ZUMSTEIN, 2008, p. 554). Estes dois elementos emolduram esta primeira parte do IV Evangelho. Isaías é usado e citado em Jo 1,23: “a voz que clama no deserto; endireitai o caminho do Senhor” e nas duas citações da perícopos Jo 12,37-43. E a expressão “τὴν δόξαν αὐτοῦ/*a sua glória*” encontra-se presente quando da realização do primeiro milagre de Jesus, em Caná da Galileia (Jo 2,11), e agora, ao final, em Jo 12,41. Em ambos os casos, as citações se unem com o objetivo do desenvolvimento de um dos pontos da cristologia joanina: Jesus é Deus, Filho de Deus. Em Is 40,3, uma voz⁴⁹ – anônima – clama para que o caminho seja aplainado: “um caminho para YHWH”. Em Jo 1,23, João, o Batista, prepara o caminho para Jesus, referindo-se a ele como o Messias, o Eleito de Deus (Jo 1,26-34). Em Caná, após o primeiro sinal, “Jesus manifestou a sua glória e os seus discípulos creram nele” (Jo 2,11). Ao final de seu ministério público (Jo 12,37), mesmo não fazendo uma avaliação positiva sobre quantos teriam acreditado nele, o evangelista declara que Isaías “viu a glória de Jesus e, falou a respeito dele” (Jo 13,41). João circunscreve o Livro dos Sinais com estes dois elementos de composição.

Como apontado no v.37, o aparente comando divino a Isaías de endurecer o coração do homem não se sobrepõe à sua liberdade e às suas escolhas humanas, e não possui caráter definitivo. Ao iniciar o v.42 com o advérbio “μὲντοι/*certamente*”, um elemento gramatical de reforço, o evangelista intenciona dar ênfase para o que será dito na sequência. Não se trata de uma conjectura, mas de uma certeza de que, amenizando o quadro inicial da perícopos: “não acreditavam nele” (v.37b), alguns creram⁵⁰ (v.42a). A mensagem e os sinais não poderiam ter sido totalmente em vão, segundo a ótica joanina, pois impactaria no plano de Deus para a salvação do homem. Neste sentido, além do uso enfático do advérbio, João seleciona alguns personagens de destaque no meio judaico: as autoridades, pois, mesmo entre os dirigentes de altos grupos religiosos de Israel, “muitos acreditaram nele” (Jo 12,42a) (PÉREZ MILLOS, 2016, p. 1230). Aqui, João não designa outros grupos, como os fariseus ou saduceus, grupos estes com que Jesus teve diversas discussões e controvérsias, mas pode-se considerar, pelo texto, que algumas destas autoridades faziam parte,

49 “קול קורא במדבר פנו דרך יהוה” – sem o artigo definido “ה”: “uma voz clama no deserto: abri um caminho para YHWH”.

50 Este modo de expor determinado tipo de posições contrárias, através de orações adversativas, está presente em outras passagens no IV Evangelho. Aqui, encontra-se na temática da perícopos: aceitação/rejeição da mensagem ou fé/incrédulidade. Em particular, mostra-se já no Prólogo, nos v.11-12, como que a indicar um paradigma que se seguirá ao longo do Evangelho (LÉON-DUFOUR, X., *Leitura do Evangelho segundo João I*, p. 342).

inclusive, do Sinédrio ou do Conselho⁵¹. Não se pode concluir com certeza a quantidade de outros chefes judeus que creram. O evangelista, fiel à narrativa teológica, sempre deixa em aberto a questão da dinâmica fé *versus* incredulidade (Jo 7,48).

O temor dos membros do Sinédrio devia-se à grande influência que os fariseus exerciam com relação ao culto e à comunhão nas sinagogas. Uma decisão deles seria determinante para uma expulsão. O confronto com a passagem da cura do cego de nascença, em Jo 9, mostra uma série de elementos em comum⁵², em particular, quanto à expulsão da Sinagoga, nos vs.13.22.34 (BEUTLER, 2016, p. 316). No relato, o que havia sido cego fora levado aos fariseus. A consequência é registrada no v.23: “Se alguém reconhecesse Jesus como Cristo, seria expulso da Sinagoga”. Para um judeu daquele período e, de modo especial, para um judeu em posição de destaque, ser expulso constituiria uma degradação e a impossibilidade de continuar realizando não somente o culto, como “um castigo limitado a breves períodos de tempo no judaísmo, mas que estava em jogo a exclusão da comunidade religiosa judaica” (SCHNAKENBURG, 1980, p. 515, tradução nossa), impedindo-o de qualquer outra atividade em seu meio.

Escrevendo para os cristãos de sua época, o evangelista descreve-lhes uma circunstância real, de truculenta oposição por parte da Sinagoga. As medidas restritivas e opressoras dos responsáveis por conduzir a religião daquele momento histórico – os líderes religiosos – visavam conter, se não a adesão, pelo menos a divulgação da fé em Jesus Cristo, já que alguns acreditavam, “mas não confessavam” (v.42b), ou não queriam admitir publicamente. João já havia antecipado esta situação (Jo 9,22). Devido a esta posição das autoridades, “a adesão a Jesus comportava a ruptura com as instituições (Jo 8,23s.31; 10,3s)” (MATEOS; BARRETO, 1979, p. 574). Os cristãos das comunidades joaninas provenientes do judaísmo muito provavelmente tinham sido expostos a este tipo de exclusão. Este relato joanino registra a crescente tensão entre os judeus que acreditavam em Jesus e as autoridades judaicas, o que podia significar, inclusive, sério risco (KÖSTENBERGER, 2004, p. 393) tanto para eles como para toda a comunidade. Sofriam, igualmente, a hostilidade de um mundo alheio à conduta e aos valores que praticavam. Era necessário dar-lhes o devido acolhimento e também algum tipo de conforto e alento espiritual em função de sua escolha.

O v.43 apresenta por que os líderes religiosos judaicos não admitiam e/ou confessavam sua adesão a Jesus Cristo (CARSON, 2007, p. 450-451). Além da explícita coerção dos fariseus, com sua ameaça de expulsão das sinagogas, o temor pela perda de seus privilégios prevaleceu. Talvez esta situação pudesse estar sendo enfrentada por alguns membros da comunidade joanina, que ponderavam sobre as regalias que possuíam e que estariam abrindo mão caso confessassem Jesus como o Messias esperado. É possível que João esteja apontando para um tipo de fé existente nas comunidades, que não se baseava no fundamento absoluto de amar Jesus Cristo sobre todas as coisas, como Deus que é (Dt 6,5). Uma fé fraca e imatura, que não subsistia aos apelos mundanos.

Pelo relato evangélico, podem ser identificadas três posições relativas aos sinais: 1) aqueles que os rejeitaram; 2) aqueles que os aceitaram e viram neles a glória de Jesus, manifestação da glória do Pai, e assumiram esta decisão; e 3)

51 Provavelmente, o evangelista aqui se refere a Nicodemos (Jo 3,10) e a José de Arimatéia (Lc 23,50), devido às suas posições junto à comunidade e no âmbito da estrutura religiosa judaica (BRUCE, F., João, p. 235; MATEOS, J.; BARRETO, J., El Evangelio de Juan, p. 574; SCHNAKENBURG, R., El Evangelio según San Juan, p. 514; KÖSTENBERGER, A., John, p. 392; BEUTLER, J., O Evangelho Segundo João, p. 316).

52 Foge ao escopo do artigo fazer uma abordagem detalhada destes pontos de contato. Apenas como exemplos: a cegueira de nascença, o “ver e não crer”, a busca de testemunhos alheios, a identificação de “um profeta” e a expulsão da Sinagoga.

aqueles que os aceitaram de modo silencioso, sem uma manifestação pública. Quanto a estes últimos, pesam duas questões: a) a primeira diz respeito aos v.39-40. Eles atestam que o desígnio divino não é imutável e passa, necessariamente, pela liberdade e escolha humanas. O endurecimento do coração como ordem divina se transforma, agora, em um dilema de cunho moral⁵³ e que, portanto, encontra sua solução dentro da esfera humana, corroborando os aspectos estilísticos e retóricos do texto hebraico; b) a segunda questão refere-se à hipocrisia e suas consequências. Os que aceitam Jesus e se silenciam passam a viver uma religião de fachada, fingem crer em algo que não creem efetivamente. Vivem uma mentira em e para si mesmos. E ainda, por ocuparem cargos de alta visibilidade, levam o povo a permanecer no engano de um conjunto de crenças sem sentido: “propõem como luz o que sabem ser trevas, desorientam o povo e o impedem de alcançar a salvação que Jesus lhe oferece” (MATEOS; BARRETO, 1979, p. 574). Estes são aqueles que preferiram a glória dos homens e não buscam a Deus verdadeiramente, embora o tenham reconhecido na pessoa de Jesus (DODD, 2003, p. 491). Para João, este tipo de atitude, de ocultar a fé, não é aceitável ou, segundo Bruce (1987, p. 235),

suficiente e ele quer que seus leitores compreendam claramente que a fé que concede o direito de nascimento dos filhos de Deus (1,12) é aquela que se mostra em público, num compromisso irrevogável com Jesus, reconhecendo-o como Messias e Filho de Deus.

A frase possui três elementos de grande peso para a teologia joanina: o verbo “ἀγαπάω/amar” e as duas expressões contendo a palavra “δόξα/glória”. Além do verbo, de amplo uso e com várias nuances de sentido ao longo de todo Evangelho, as expressões revelam, apesar de construídas sobre a mesma palavra, sentidos contrários. O evangelista elabora um jogo semântico colocando em oposição as duas construções: “glória dos homens” (v.43a) e “glória de Deus” (v.43b) (CARDONA RAMÍREZ, 2015, p. 142). Aqueles que buscam “a glória dos homens” (v.43a), caracterizam-se pelo egocentrismo, pelo fechamento em si e por desejar a aprovação dos homens, seguindo seu pensamento de fazer o que deles se espera, à procura por honrarias e privilégios, por posição social e financeira. Tudo subordinam a estes valores. Optam por permanecer nos privilégios já alcançados e recusam a verdadeira vida, a partir do fechamento e endurecimento de coração (ORLANDO, 2022, p. 198) e preferindo a “glória humana” (CASTRO SÁNCHEZ, 2008, p. 234). Por outro lado, os que buscam “a glória de Deus” (v.43b), fazem-no por meio de Jesus, pois ele é “a glória de Deus”: este mesmo Jesus que em momento algum buscou a glória para si, mas sempre revelou a glória daquele que o enviou; que sempre se mostrou pronto a realizar a vontade do Pai e não a dos homens (Jo 4,34; 5,19; 6,38 por exemplo). Ao homem, faz-se necessário seguir o modelo de Jesus para, em sua “radical renúncia de si e de todo seu desejo egoísta, submetendo-se à vontade divina” (SCHNAKENBURG, 1980, p. 516), poder dar-lhe uma adequada resposta de fé.

Em um momento anterior no IV Evangelho, no discurso de Jesus após a cura do enfermo na piscina de Betesda, em Jo 5,1-47, a partir do v.41, o evangelista já havia escolhido expressões muito similares para discorrer sobre aquela situação. Naquela passagem, também ocorre a discussão sobre a busca de Deus e João propõe a mesma relação antitética entre “glória dos homens” e “glória de Deus”⁵⁴. João retoma o mesmo tema, de forma resumida, neste ponto do Evangelho.

53 Schankenburg (1980, p. 515) se refere a este ponto como “um julgamento de culpa moral”.

54 No trecho entre os 5,41 e 5,47, João faz uso da palavra “δόξα/glória”, por duas vezes, em construção gramatical muito similar a 12,42, e ainda emprega a palavra “ἀγάπη/amor”, do mesmo radical do verbo constante do v.43 – “ἀγαπάω/amar”.

O último discurso de Jesus ao mundo (Jo 12,44-50) encerra o Livro dos Sinais (Jo 3-12)⁵⁵. Não seria conveniente terminá-lo com o delicado tema da incredulidade (LÉON-DUFOUR, vol. I, p. 344). Ao contrário, o Evangelho joanino tem, por um dos seus objetivos, despertar ou reavivar a fé. Por outro lado, a reflexão sobre a incredulidade visa conduzir o leitor ao ponto culminante da trajetória de Jesus, o Messias, Filho de Deus encarnado: sua paixão, morte e ressurreição.

Os relatos contidos no Livro da Glória farão uma exigência ainda maior para a fé e, dentro do plano do Evangelho, era fundamental uma reflexão sobre a dinâmica fé/incredulidade. Se os sinais se mostraram pouco eficazes para despertar a fé e se nem a ressurreição de Lázaro gerou aprovação ou adesão unânime pelos presentes, como o povo iria reagir ao sinal maior, a ressurreição do próprio Jesus? A perícopes Jo 12,37-43 se evidencia, sob o ponto de vista de sua composição e seu posicionamento na estrutura do Evangelho, como um chamado para uma disposição do coração – entender como o coração (v.40d) –, para uma postura de boa vontade e para uma atitude de querer ver o transcendente além da concretude dos sinais. Neste sentido, a última temática da perícopes, em Jo 12,43, articula-se com temática das primeiras palavras do discurso de Jesus em Jo 13,31. Em ambos os casos, elas giram em torno da palavra “δόξα/glória”.

Considerações finais

Após a ressurreição e ascensão de Jesus, e o evento de Pentecostes, os apóstolos e os discípulos precisaram se ocupar em apreender, entender e interpretar tudo o que haviam experimentado para responder à pergunta: “Quem é Jesus?”. Antes mesmo do surgimento dos primeiros escritos, os acontecimentos de sua vida, seus ensinamentos, discursos, parábolas e sinais foram sendo revistos à luz do evento pascal e, também, das Escrituras de Israel, uma vez que, oriundas do judaísmo, as Escrituras Sagradas desempenhavam papel central.

Devido às evidências contidas nos quatro Evangelhos, pode-se constatar que seus autores estavam bastante familiarizados com algum tipo de texto ou versão das Escrituras. Em função das citações adotadas e das semelhanças com os escritos em cada versão, é possível dizer que além do uso do AT a partir da versão grega da LXX, que é o mais comum entre os autores do NT, também há indícios que eles tiveram conhecimento e contato com algum texto hebraico e alguns *Targumim*. Desta forma, ocorre um fenômeno em duas direções que se influenciam mutuamente: o uso das Escrituras como forma de entendimento da pessoa de Jesus Cristo como o Messias previsto e esperado, o Filho de Deus, e a iluminação das Escrituras pela pessoa de Jesus Cristo, o Verbo Encarnado (Jo 1,1-18), que faz desvelar nelas as referências a este mesmo Jesus, o Cristo. Ou seja, a fé no Cristo ressuscitado guiou a leitura das Escrituras e sua interpretação guiou o entendimento da pessoa de Jesus (PORTER, 2006, p. 127). Assim, ao usar referências do AT em seus escritos, os evangelistas querem demonstrar que as Escrituras já apontavam para Jesus e que ele cumpria e plenificava aquelas passagens escriturísticas citadas. As Escrituras, como Palavra de Deus, assumem um papel de testemunha com autoridade divina.

Ao se utilizar de duas citações de Isaías na perícopes Jo 12,37-43, o autor do IV Evangelho quer indicar não só a continuidade da persistente incredulidade do povo de Israel em relação aos sinais e obras realizadas por Deus ao longo de toda a história, mas também estabelecer um paralelo⁵⁶. Assim como Isaías, Jesus fala em nome de Deus e

55 Sobre a perícopes Jo 12, 44-50, vide nota respectiva no item 2.4 – Delimitação e Estrutura.

56 Trata-se de uma tipologia. A tipologia não caracteriza uma igualdade entre os personagens-tipo, mas um padrão. É incomparável a superioridade de Jesus a todo personagem-tipo do AT, mesmo porque é Deus e não apenas homem (FRANCE, R. T., *Jesus and the Old Testament*, p.49).

traz sua Palavra e, da mesma forma que a mensagem de Isaías foi rejeitada (Jo 12,38cd), a mensagem de Jesus não encontra a devida aceitação por parte do povo. Ademais, tanto com Isaías quanto com Jesus, houve um acirramento da cegueira e um maior endurecimento do coração por parte do povo, tanto do antigo como do novo.

Em duas passagens do Evangelho joanino, o autor cita outros dois personagens do AT: “Moisés” (Jo 5,46) e “Abraão, vosso pai” (Jo 8,56). Ao referir-se a Moisés, como escritor da Lei, o legislador por excelência, o evangelista pretende indicar que ele “conhece o verdadeiro propósito da Lei. Em vez de ser um fim em si mesma, a Lei apontava para Cristo” (KÖSTENBERGER, 2014, p. 557). E, como Jesus, Moisés operou prodígios diante do povo, pelo braço forte de YHWH e, de modo semelhante, o povo – de cerviz dura – sempre esteve inclinado a não crer na palavra de Deus nem a desenvolver uma fé robusta.

De forma similar ao profeta Isaías, o patriarca Abraão “exultou por ver meu dia. Ele o viu⁵⁷ e encheu-se de alegria” (Jo 8,56). O aposto, “vosso pai”, coloca Abraão em uma posição acima dos ouvintes e a Jesus, em posição ainda superior. Em resposta a um questionamento dos judeus, Jesus acrescenta: “πρίν Ἀβραάμ γενέσθαι, ἐγὼ εἰμί/antes de Abraão existir, eu sou”⁵⁸. No limiar dos Testamentos, surge João, o Batista, que dá testemunho de Jesus Cristo (Jo 1,7.29; 3,27-36). Em Jo 1,29, João, o Batista, vê Jesus se aproximar e o confessa publicamente. Mais à frente, em Jo 1,32, o evangelista escreve: “E João deu testemunho dizendo [...]”. Através deste personagem singular, o autor do IV Evangelho explicita a tríade: ver x crer x confessar (testemunhar), que irá caracterizar, como um esboço proléptico, o Livro dos Sinais (Jo 3-12).

João coloca à disposição de seus ouvintes-leitores as Escrituras de Israel, testemunhos do AT, Moisés e Abraão, de João, o Batista, e os sinais, de modo a promover-lhes ou a embasar e fortalecer-lhes a fé em Jesus Cristo, como o revelador do Pai, o Messias esperado, o próprio Deus Encarnado. Contudo, a avaliação que o evangelista faz do ministério público de Jesus não apresenta um quadro animador. Embora não tenha se mostrado um fracasso, afinal “muitos creram nele” (Jo 12,32a), não teria tido o sucesso esperado, pois muitos dos judeus “não creram nele” (Jo 12,37b). Além das palavras, Jesus fundamentou sua pregação em sinais, que exigem o “ver”, o “querer ver” e o “entender com o coração”.

Devido à ambiguidade inerente aos sinais e seus efeitos naqueles que os presenciam, entretanto, estes sinais “algumas vezes evocam a fé (Jo 2,11; 20,30-31), mas, algumas vezes, eles reforçam a incredulidade porque não são interpretados de acordo com a fé (Jo 12,36-37; 2,23-25; 4,48; 20,25)” (PORTER, 2006, p. 148). Como reveladores da relação de Jesus com o Pai e do poder do Pai que se realiza em e através de Jesus, os sinais deveriam ter cumprido seu papel, como o próprio Jesus observa (Jo 10,37-38). Enquanto em Jo 12,37, o narrador observa e chama a atenção para a obstinada incredulidade do povo, a partir de Nm 14,11⁵⁹, o próprio Deus ressalta o fato e faz-lhe uma ameaça. Aparentemente, nenhum dos elementos colocados à disposição de seus leitores-ouvintes foi suficiente para vencer a histórica e persistente falta de fé.

57 Nas duas ocorrências do verbo “ver”, o evangelista emprega, no grego, o verbo “ὄρω” em forma conjugada.

58 O uso da expressão “eu sou” ocorre diversas vezes no IV Evangelho e o evangelista a utiliza como uma forma de expressar a divindade de Jesus (Ex 3,14), que é um com o Pai (Jo 10,30).

59 Nm 14,11: “E YHWH disse a Moisés: ‘Até quando este povo me desprezará? Até quando recusará crer em mim, apesar dos sinais que fiz no meio dele?’”

Transcender o visual imediato, concreto e superficial, e atingir a profundidade espiritual mostra-se imprescindível na relação sinal *x* fé, ver *x* crer. Ver no Jesus de Nazaré, um galileu, carpinteiro, um simples homem na aparência, o próprio Deus Encarnado, o Filho, o *Logos* Eterno (Jo 1,1-18), em quem o Pai manifestou sua glória através dos numerosos e grandiosos sinais, requer um “ὄραω/*ver*” particular, a ser exercido segundo a vontade humana. À ordem divina do embotamento, prevalece a liberdade humana em querer *ver* a glória de Deus velada na fragilidade do homem Jesus. Ao final do episódio da cura do cego de nascença (Jo 9,37-38), Jesus pergunta ao homem que acabara de ser curado se ele acreditava no Filho do Homem. Ele responde: “Quem é para que eu creia?”. Então Jesus lhe diz: “Tu o vês”, ao que lhe responde o homem: “Creio” (ver e crer). Identicamente, no episódio com Tomé, na segunda aparição de Jesus, após a confissão de fé de Tomé, Jesus lhe diz: “porque viste, creste” (ver e crer).

Como o homem do século XXI reage ao “ver e crer”? Que tipo de “ver” ele emprega nos sinais de Deus em sua vida? Duas promessas de Deus instiga o homem atual a perseguir a fé: uma do Filho e uma do Pai, que o Filho reafirma: “Felizes os que não viram e creram!” (Jo 20,29) e “Ao se converterem, eu os curarei!” (Jo 12,40f). E conclui seu Evangelho, afirmando que “tudo foi escrito” para dar testemunho (mostrar/*ver*) e para levar à fé no Filho de Deus (crer), para que crendo, seja salvo por ele (o Filho).

Referências

- ALAND, K.; ALAND, B. **O Texto do Novo Testamento**. Introdução às Edições Científicas do Novo Testamento Grego bem como à teoria e prática da Moderna Crítica Textual. São Paulo: SBB, 2013.
- ALONSO SCHÖKEL, L. **Dicionário Bíblico Hebraico-Português**. São Paulo: Paulus, 1997.
- ALONSO SCHÖKEL, L. SICRE DIAZ J. L. **Profetas I**. Grande Comentário Bíblico. São Paulo: Paulus, 1988.
- ASCOUGH, R. S. **Milagres de Jesus**. São Paulo: Ave-Maria, 2008.
- BEASLEY-MURRAY, G. R. **John**. Word Biblical Commentary. USA: Word, Inc., 1987.
- BETTENCOURT, E. **Para entender o Antigo Testamento**. Aparecida: Santuário, 1990.
- BEUTLER, J. **O Evangelho Segundo João**. São Paulo: Loyola, 2016.
- BLANCHARD, Y-M. **São João**. São Paulo: Paulinas, 2004.
- BLANK, J. **O Evangelho Segundo João**. Petrópolis: Vozes, 1991.
- BOISMARD, M.E.; LAMOUILLE, A. **L'Évangile de Jean**. Synopse des Quatre Évangiles em Français, Tome III. Paris: CERF, 1987.
- BOOR, W. **Evangelho de João II**. Comentário Esperança. Curitiba: Esperança, 2002.
- BORING, M. E. **Introdução ao Novo Testamento**. História, literatura e teologia. Cartas Católicas, Sinóticos e Escritos Joaninos. Vol. II. Santo André: Academia Cristã: São Paulo: Paulus, 2016.
- BROWN, F.; BRIGGS, C. A.; DRIVER, S. R. [GESENIUS, W.]. **Hebrew and English Lexicon of the Old Testament**. Oxford, England: Oxford University Press, 1939.

- BROWN, R. E. **Comentário ao evangelho segundo João**, vol. 1(1-12): Introdução, tradução e notas. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2020.
- BROWN, R. E. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Paulinas, 2012.
- BRUCE, F. F. **João**. Introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1987.
- CARDONA RAMÍREZ, H. **El Evangelio Según San Juan**. Rasgo Bíblico y Teológico. Medellín: UPB, 2015.
- CARSON, D. A. **O Comentário de João**. São Paulo: Shedd, 2007.
- CASTRO SÁNCHEZ, S. **Evangelio de Juan**. Comentário a la Nueva Biblia de Jerusalén. España: Desclée De Brouwer, 2008.
- DODD, C. H. **A interpretação do Quarto Evangelho**. São Paulo: Teológica, 2003.
- ELLIGER, K.; RUDOLPH, W. (Eds.). **Biblia Hebraica Stuttgartensia**. 5. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1997.
- FABRIS, R.; MAGGIONI, B. **Os Evangelhos II**. São Paulo: Loyola, 1992.
- FRANCE, R. T. **Jesus and the Old Testament**. Vancouver, Canada: Regent College Publishing, 1998.
- FRIBERG, T.; FRIBERG, B.; MILLER, N. **Analytical Lexicon of the Greek New Testament**. Bloomington, Indiana: Trafford Publishing, 2006.
- GONZAGA, W.; LIMA, A. P. A profissão de fé de Tomé (Jo 20,28) e sua base veterotestamentária (Sl 35,23). *Revista Cadernos de Sion*, 3(2), 2022, p.130-163
- GONZAGA, W. “A Sagrada Escritura, a alma da Sagrada Teologia”. In: MAZZAROLLO, I; FERNANDES, L. A.; CORRÊA LIMA, M. L., *Exegese, Teologia e Pastoral, relações, tensões e desafios*. Rio de Janeiro: PUC-Rio; Santo André: Academia Cristã, 2015, p. 201-235.
- GRASSO, S. **Il vangelo di Giovanni – commento esegetico e teologico**. Roma: Città Nuova Editrice, 2008.
- HAENCHEN, E. **John 2**. Hermeneia – A Critical and Historical Commentary on the Bible. Philadelphia: Fortress Press, 1984.
- HENDRISSEN, W. **João**. Comentário do Novo Testamento. São Paulo: Cultura Cristã, 2014.
- HOLLADAY, W. **Léxico hebraico e aramaico do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2010.
- KONINGS, J. **Evangelho segundo João: amor e fidelidade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- KÖSTENBERGER, A. J. **John**. Grand Rapids, MI: Baker Publishing Group, 2004.
- KÖSTENBERGER, A. J. João. In: BEALE, G. K.; CARSON, D. A. (orgs.). **Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2014, p.521-642.
- LÉON-DUFOUR, X. **Leitura do Evangelho Segundo João I. Palavra de Deus**. São Paulo: Loyola, 1996.
- LÉON-DUFOUR, X. **Leitura do Evangelho segundo João II**. São Paulo: Loyola, 1996.
- LIMA, M. L. C. **Mensageiros de Deus: profetas e profecias no Antigo Israel**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São

- Paulo: Ed. Reflexão, 2012.
- MALZONI, C. V. **Evangelho Segundo João**. São Paulo: Paulinas, 2018.
- MARGUERAT, D. **Novo Testamento: história, escritura e teologia**. 3ª ed. São Paulo: Loyola, 2015.
- MARTÍNEZ LOZANO, E. **En el principio era la vida. Comentario al evangelio de Juan**. España: Desclée De Brouwer, 2019.
- MATEOS, J.; BARRETO, J. **El Evangelio de Juan**. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1979.
- MAZZAROLO, I. “**Nem aqui, nem em Jerusalém**”. **Evangelho de João**. Rio de Janeiro: Mazzarolo, 2000.
- NESTLE-ALAND (eds.), **Novum Testamentum Graece**. Ed. XXVIII. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012.
- ODEN, T. C. (ed.). **Evangelio Según San Juan (11-21)**. La Biblia Comentada por los Padres de la Iglesia. Nuevo Testamento 4b. Madrid: Ciudad Nueva, 2013.
- OPORTO, S. G. GARCÍA, M. S. **Comentário ao Novo Testamento III**. São Paulo: Ave-Maria, 2004.
- ORLANDO, L. **Giovanni. Il Vangelo della Vita**. Bari: Ecumenica Editrice Scrl, 2022.
- PAROSCHI, W. **Origem e transmissão do Texto do Novo Testamento**. São Paulo: Sociedade Bíblica da Brasil, 2014.
- PÉREZ MILLOS, S. **Juan**. Comentario Exegético al Texto Griego del Nuevo Testamento. Barcelona, 2016.
- PERKINS, P. Evangelho segundo João. In BROWN, R.; FITZMYER, J. A.; MURPHY, R. (orgs.). **Novo comentário bíblico São Jerônimo**. Novo Testamento. São Paulo: Paulus, 2018, p.731-816.
- PORTER, S. E. (ed.). **Hearing the Old Testament in the New Testament**. Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 2006.
- RAHLFS, A.; HANHART, R. (eds.). **Septuaginta**. Editio Altera. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft. 2006.
- SCHNACKENBURG, R. **El Evangelio según San Juan**. Versión y comentario. Vol II. Barcelona: Herder, 1980.
- SEIFRID, M. A. Romanos. In: BEALE, G. K.; CARSON, D. A. (orgs.). **Comentário do Uso do Antigo Testamento no Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2014, p.759-864.
- SICRE DÍAZ, J. L. **Introdução ao Profetismo Bíblico**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.
- SIMOENS, Y. **Secondo Giovanni**. Una Traduzione e un'interpretazione. Bologna: EDB, 2002.
- SLOYAN, G. **Giovanni**. Torino: Claudiniana, 2008.
- UTRINI, H. C. S. Entre o gládio de César e a Cruz de Cristo: messianismo e poder temporal a partir de Sal 17 e de Mc 12,13-17. *Reflexus – Revista de Teologia e Ciências das Religiões*, ano XII, n. 20, 2018/2, p. 521-542.
- WEBER, R.; GRYSO, R. (eds.). **Biblia Sacra Vulgata**. Iuxta Vulgatam Versionem. Editio Quinta. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2007.
- WENGST, K. **Il vangelo di Giovanni**. Brescia: Editrice Queriniana, 2005.

ZEVINI, J. **Evangelho Segundo João, vol. II**. São Paulo: Salesianos, 1996.

ZUMSTEIN, J. **Il Vangelo secondo Giovanni, vol. 1: 1,1–12,50**. Torino: Claudiniana, 2008.